



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES ARTES E CIÊNCIAS CAMPUS JORGE
AMADO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS

ERIKA BRASIL FIGUEIREDO
OMINOBYALÁ

ONÇAS URBANAS ATRAVESSAM OS RIOS DE URURAY:
COLETIVO LESTE NEGRA, FAZERES EDUCACIONAIS AUTÔNOMOS E JOGO DA ONÇA COMO
MANEJOS CONTRACOLONIAIS NA PERIFERIA PAULISTANA DE SÃO MIGUEL PAULISTA

TERRITÓRIO DA ZONA LESTE / SÃO PAULO – SP
ITABUNA – BA
AGOSTO/2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES ARTES E CIÊNCIAS
CAM/PUS JORGE AMADO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS**

**ERIKA BRASIL FIGUEIREDO
OMINOBYALÁ**

**ONÇAS URBANAS ATRAVESSAM OS RIOS DE URURAY:
COLETIVO LESTE NEGRA, FAZERES EDUCACIONAIS AUTÔNOMOS E JOGO DA ONÇA
COMO MANEJOS CONTRACOLONIAIS NA PERIFERIA PAULISTANA
DE SÃO MIGUEL PAULISTA**

**TERRITÓRIO DA ZONA LESTE / SÃO PAULO – SP
ITABUNA – BA
AGOSTO/2023**



**ERIKA BRASIL FIGUEIREDO
OMINOBYALÁ**

**ONÇAS URBANAS ATRAVESSAM OS RIOS DE URURAY:
COLETIVO LESTE NEGRA, FAZERES EDUCACIONAIS AUTÔNOMOS E JOGO DA ONÇA
COMO MANEJOS CONTRACOLONIAIS NA PERIFERIA PAULISTANA
DE SÃO MIGUEL PAULISTA**

Dissertação em forma de Memorial Descritivo, Projeto de Intervenção e Produtos Educacionais, apresentada para Banca de Qualificação como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - Campus Jorge Amado

Área de Concentração: Ensino e Relações Étnico Raciais nas Perspectivas Pós e Decoloniais

Orientador: Casé Angatu - Prof. Dr. Carlos José Ferreira dos Santos.

**TERRITÓRIO DA ZONA LESTE / SÃO PAULO – SP
ITABUNA – BA
AGOSTO/2023**

**Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)**

F475o Figueiredo, Erika Brasil, 1971-

Onças urbanas atravessam os Rios de Ururay: Coletivo Leste Negra, Fazeres Educacionais Autônomos e Jogo da Onça como manejos contracoloniais na periferia paulistana de São Miguel Paulista / Erika Brasil Figueiredo (Ominobyalá). – Itabuna: UFSB, 2023. -
88f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Jorge Amado, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, 2023.

Orientador: Dr. Carlos José Ferreira dos Santos (Casé Angatu).
1. Pedagogia crítica. 2. Indígenas. 3. Antirracismo. 4. Educação - São Miguel Paulista (São Paulo, SP). I. Título. II. Santos, Carlos José Ferreira dos, Casé Angatu. CDD – 370.11

Elaborada por Raquel da Silva Santos – CRB-5ª Região/ 1922



GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS - PPGER
MESTRADO PROFISSIONAL

Folha de Aprovação

Banca de Mestrado em forma de Memorial Descritivo, Projeto de Intervenção e Produtos Educacionais do Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais – PPGER/UFSB de *Erika Brasil Figueiredo - Omynobyalá*, intitulado *Onças Urbanas Atravessam os Rios de Ururay: Coletivo Leste Negra, Fazeres Educacionais Autônomos e Jogo da Onça como Manejos Contracoloniais na Periferia Paulistana de São Miguel Paulista*, orientado pelo Prof. Dr. *Carlos José Ferreira dos Santos - Casé Angatu*, apresentado à Banca Examinadora do PPGER, em 31 de agosto de 2023:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Everton Lampe de Araujo
Instituição: Departamento de Artes Cênicas - UDESC
Examinador Externo

Profa. Dra. Lígia Marina de Almeida
Instituição: UFRN
Examinador Externo

Prof. Dr. Cleber Rodrigo Braga De Oliveira
Instituição: UFSB/PPGER
Examinadora Interna

Prof. Dr. Carlos José Ferreira dos Santos - Casé Angatu
Instituição: PPGER/UFSB e UESC/DFCH
Orientador

TERRITÓRIO DA ZONA LESTE / SÃO PAULO – SP
ITABUNA – BA
AGOSTO/2023

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho ao Povo de Santo e
à grande Escola dos Terreiros que me
forjaram no Aço de Ogum.*

*Aos Povos Indígenas desta Terra
“Cor de Brasa” cujo nome eu carrego.*

*Aos Educadores e Educadoras,
em especial aos que labutam
nas Terras de Ururay.*

Às minhas irmãs do Ilú Obá de Min.

*Ao Coletivo Leste Negra,
pois sem sua existência não teria
começado este trabalho.*

*Aos meus filhos, minha irmã, enteados e
sobrinhos, pois a juventude me inspira.*

*E principalmente aos estudantes de
ontem, hoje e sempre.*

*A toda espiritualidade que me cerca e
orienta na caminhada deste terreiro “de
chão de estrada e teto de estrelas”!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha filha Ana Dandara e ao meu filho João Francisco. Os dois sempre me inspiraram, desde crianças, para que eu tivesse a curiosidade dos estudos e me ensinaram a coragem.

À amada Tia Shirley que nunca desistiu de mim. À Isa, minha irmã, que trouxe a cura e o entendimento do Senhor Tempo para minha vida. Dona Leda e família Longo, este trabalho é fruto do trabalho de vocês que me ajudaram a dar os primeiros passos. Ao meu companheiro de vida Roberto Morales, que fez de tudo para que eu estivesse centrada nas leituras, aulas e escritas. Aos meus enteados por confirmarem que tudo depende do olhar. Aos meus sobrinhos, sobrinhas e netas porque a juventude traz a sabedoria de quem é “mais jovem de Era”. Ao meu cunhado Marcos Morales, que me ajudou a superar as burocracias e os obstáculos do universo on-line desde a matrícula até a primeira submissão dos trabalhos, um dos meus maiores incentivadores, gratidão!

Gratidão a Thais Santos que me acompanha desde 2021 em choros e alegrias para que tudo isso se realize. Pela força da amada Maria Cláudia, sobrevivente de um respiro. Para minha irmã de fé Elidy Moreira, obrigada pelos vários renascimentos em uma única existência. Agradeço pelas orações da querida Gisa Morilhas, e ao Sagrado que nos uniu, que mesmo em fé muito diferentes não nos privou dos aprendizados. Obrigada Aryana pelo companheirismo na “carreira” de mãe solo. Eternos agradecimentos para Sil Mariano que está me ajudando com a revisão, com o mesmo cuidado e amor que me ajudou nos primeiros dias de maternagem com minha filha, minha “doula pós-parto” dos primogênitos, agora oficial.

Meus agradecimentos à amiga Adriana Carvalho, nossa amizade regada de poesia, pôr do Sol e amor ao “Avô” Jaraguá, (guardião dos vales), desde sempre defendendo o Território Guarani, “SP é Terra Indígena!”. À Renata Ribeiro, Alex Jordan e Nega Duda por me mostrarem “o que que a baiana”, o baiano, e os apaixonados pela Bahia têm e por me deixarem andar nos caminhos do coração Bahia afora, todo AXÉ de minha Mãe Oxum. Elaine Lobeiro, gratidão por testemunhar meus passos desde 1977 e ultimamente ter olhos e ouvidos



brilhantes para minhas ideias e conclusões, nossas conversas na maturidade deveriam ser gravadas.

Agradeço à antropóloga e pedagoga Araci Labiak pelas reflexões, amizade e parceria quase diárias desde 2018, ainda de forma virtual, mas em breve teremos o calor do abraço e som dos risos para acrescentar às memórias. Ao amigo Carlos Jean Lima, meu amado Itararé, (pedra que o rio cavou), agradeço por ter me salvo do lance da goiaba no colégio e trinta e seis anos depois ainda me livrando das encrencas. Amigos que aparecem na hora e lugar certos são tesouros a se guardar, tenho muita sorte na vida!

A maior gratidão a todas as sementes plantadas pelo Coletivo Leste Negra, aqui agradeço a minhas companheiras de militância Rose Sampaio, Ivone Ferreira e Renata Gonçalves por convocarem as reuniões, exporem as ideias e não deixarem nossos trabalhos pararem em nenhum momento nestes sete últimos anos. Louvo os ideais políticos do querido Alexandre Gilsogamo, cofundador conosco, cuja força intelectual nos alimenta e nos acompanha quanto grupo. Àqueles que encantaram e nos cuidam com suas energias de luta e amor pelo coletivo, Sheila Alice, Mãe Estelamar Monteiro, Sidney Paixão e Roberta Villa, minha mais profunda oração, que o sagrado os mantenha em luz. Aos companheiros Leonardo Alves, professor do IFSP no Campus Avançado de São Miguel Paulista, Ururay, e Joseli Magalhães, coordenadora da EMEF Dama Entre Rios Verdes, agradeço pela confiança nas parcerias entre as escolas, pelo incentivo imenso ao meu trabalho com os docentes e com os estudantes e pela publicação do nosso texto “Três Braços de Rio: Formação Antirracista em Escolas Públicas de São Miguel Paulista” no volume 11, no 2 da Revista Veras, do Instituto Vera Cruz – 2022. Ao meu irmão de santo Rafael Araújo, Oxum sabe de tudo, obrigada pela sua existência! Existe uma outra “onça” no Território de Ururay, Tatiana Galeno, agradeço por compartilhar sua trajetória e sua ancestralidade indígena que nos fazem caminhar em trilhas parecidas e por me trazer tantos saberes. Ao Sarau O Que Dizem os Umbigos?!, muito obrigada!

Ao meu companheiro de pesquisas David Silva Rodrigues, de Camacã – BA, que foi o mais próximo em cada percurso, me lembrava das datas, dividia as angústias e fez a primeira leitura. Ele disse que minha escrita “prende” com a





imensa generosidade de sempre em seus pareceres. A todas, todes e todos das turmas 2020/3 e 2021/1 do PPGER/UFSB. Obrigada pelo companheirismo, pelas noites, e às vezes, madrugadas, em conversas analíticas ou somente conhecendo a realidade de cada um e cada uma em seu território de pesquisa e todas as militâncias envolvidas, não é mesmo querida Lyn? Para você aquele abraço aqui de Abya Yala!

Não posso deixar de agradecer principalmente àqueles que me receberam na Bahia para que eu finalizasse meu memorial com as sensações físicas, e não somente com o que existia no meu imaginário, em especial Mara Felipe, que me levou para o coração do Olodum, em Salvador. Elisiane Lima que dividiu comigo a paixão pelo Bahêa. Robson que detectou que eu estava com fome só pela minha voz ao telefone e passou na pousada para me levar a melhor tapioca que já comi na vida. Indiará Rosa, que me deu de presente as paisagens mais lindas de Ilhéus. Nossa querida representante de turma Janaína Luanda, que chegou pessoalmente em uma noite inesquecível, mas sempre teve um carinho e dedicação por nossa turma, sem restrições, não avançaríamos tantos passos sem suas intervenções certeiras, obrigada amiga! Rosilene Tupinambá, que me apresentou o Colégio Estadual Indígena Tupinambá Acuípe de Baixo e as maravilhas de Acuípe ao entardecer, você é exemplo de amor e força. E sempre meus eternos agradecimentos pelo seu companheiro Cacique Val, (em encantamento), que me presenteou com um Maracá, traduzindo para minha fé que a ancestralidade indígena me permitiu a escrita.

Em 2022 fui junto aos búzios do Babalorixá Professor Sidnei Barreto Nogueira e lá também encontrei permissão de Exú para escrever, aqui venho externar minha imensa gratidão Bába, por suas palavras, por sua militância e por sua existência, "axé à *coragem*¹ daqueles que (re)existem". Não posso esquecer de agradecer a Ekedji Cris Portugal, sua benção Pona! Minha irmã de Ogun. Sem sua insistência para que eu me inscrevesse no PPGER/UFSB a estrada não seria caminhada.

¹ Referência a uma das canções do Carnaval de 2023 em fomenagem a Sueli Carneiro e ao Orixá Ogum com o tema: "Akíkanjú: Pensamento e Bravura de Sueli Carneiro".



Obrigada minhas irmãs do Bloco Afro Ilú Obá de Min, com todas vocês eu aprendi os primeiros passos da luta antirracista. Foram dez anos de formação tocando tambores para o Rei Xangô até Ogum chegar e me colocar na estrada novamente. Nossos momentos transparecem na continuidade do meu trabalho em Ururay com traços que não aprenderia em nenhuma outra “Universidade”.

Minhas considerações aos companheiros de trabalho Professor Geraldo Majela da Silva, pelo auxílio com os jogos na E.M.E.F. Pedro Fukuyei Yamaguchi Ferreira e por todo trabalho construído no departamento de Xadrez Educativo até 2001, o Programa Jogos de Tabuleiro não seria essa potência de hoje sem as sementes plantadas anteriormente em toda a rede municipal. Ao Professor Luís Marcelo Campos Novais, por ter observado meu trabalho e feito a indicação para a SME, possibilitando que hoje eu me apresente como formadora do Jogo da Onça e Outras Brincadeiras Indígenas e à Professora Michele Cruz, eterna parceira dos projetos na E.M.E.F. Prof^a Izabel Aparecida Cristóvão da Luz e dos estudos sobre nossa protagonista, a Onça, Michele foi minha primeira dupla de Adugo. Égnon Viana, Marcele Garcia Guerra e Marcos Renato Cezar, aqui deixo meus agradecimentos por toda atenção e cuidado com o segmento Jogo da Onça na Rede Municipal de Ensino.

Aos meus professores doutores Milton Ferreira da Silva Júnior, Rafael Petry Trapp, Alessandra Mello Simões Paiva, Eliana Povoas Pereira Estrela Brito e Paulo de Tássio Borges da Silva que se dedicaram muito e me incentivaram durante toda a jornada. Aos professores desta banca: Doutor Cleber Rodrigo Braga De Oliveira – UFBA, Doutora Lígia Marina De Almeida, (Juma Pariri) – UFRN, Doutor Everton Lampe De Araujo – UDESC e a meu Professor Orientador, o Doutor Casé Angatu, (Carlos José F. Santos), Professor da UESC, e seu coração enorme atuando nestes longos dois anos e meio.

Por último, e talvez o mais importante de todos, devo agradecer meus Inkinces, Orixás e Encantados, ao Povo da Rua que nunca dorme, ao brilho dourado das Águas de Oxum e o verde das folhas das Matas de Oxossy. A minha mãe e pai, por eu estar aqui.

EPÍGRAFE



*“Existirmos, a que será que se destina? Pois quando tu me deste a rosa
pequenina. Vi que és um homem lindo e que se acaso a sina. Do menino
infeliz não se nos ilumina. Tampouco turva-se a lágrima nordestina.
Apenas a matéria vida era tão fina. E éramos olharmo-nos intacta retina. A
cajuína cristalina em Teresina”
(Cajuína – Caetano Veloso)*

RESUMO

Yaguarãboya nada por Ominaye: Yaguarãboya é a mulher onça com rabo de serpente, ser mitológico da etnia Maraguá, registrado em um dos livros de Yaguarê Yamã. No conto uma mulher se transforma em um “animal” temido por todos ao ter quebrado regras de seu povo na região do rio Abacaxis – AM. Ominayê é uma palavra em yorubá que significa “todas as águas do mundo”, referência à mitologia de Oxum e como ela está representada em tudo que tem vida. A junção dessas encantarias, uma da Abya Yala (América) e outra da África, resume os percursos dessa dissertação, traduzindo a força e as dificuldades de exercermos, como educadoras e educadores, uma educação antirracista diante de um currículo ainda muito eurocentrado que é praticado na Rede Municipal de Educação em São Paulo, apesar das leis e programas vigentes com intenção de cumprimento da Lei 11.645/2008. Dificuldades que aumentam ainda mais por sermos maioria mulheres. Foi a partir de algumas cosmovisões indígenas e afrobrasileiras que orientei as experiências que serão narradas em nosso trabalho. Estou como Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I desde 2010 e atualmente atuo no Programa Sala e Espaços de Leitura da E.M.E.F. Pedro Fukuyei Yamaguchi Ferreira, região de São Miguel Paulista. Desde 2016 participo da equipe do Jogo da Onça e outras brincadeiras indígenas na Diretoria Regional de Educação de São Miguel Paulista. Sou co-fundadora do Coletivo Leste Negra, que nasceu da comunidade escolar em busca de contracolonizar práticas educacionais. Neste sentido, minha dissertação narra e faz ponderações a partir dessas práticas pedagógicas construídas no cotidiano escolar numa das periferias da Zona Leste - Território Originário de Ururay. A ideia é incentivar a presença das histórias/culturas indígenas e afrobrasileiras nas memórias e identidades das crianças e seus familiares que moram no Território Ancestral de Ururay. Aqui tive o prazer de lembrar minha infância doce, minha adolescência azeda e minha juventude amarga, todas as fases que trouxeram a uma vida adulta agridoce que ainda saboreio como uma surpresa gastronômica dentro dos meus fazeres cotidianos em sala de aula. Para isto parto de algumas cosmovisões dos Povos Originários e Afrobrasileiros onde a onça representa um símbolo de resistência. Seria como pensarmos em “Onças Urbanas atravessando os Rios de Ururay”.

Palavras-chave: Pedagogias Contracoloniais, Fazeres Educacionais, Periferia, Cidade de São Paulo.

ABSTRACT

Yaguarãboya swims through Ominaye: Yaguarãboya is a jaguar woman with a serpent's tail and a mythological being from the Maraguá ethnic group - originally from the Abacaxis River region, in Amazonia. In the tales of this People, a woman becomes an "animal" feared by all when she has broken rules. Ominayê is a word in Yoruba that means "all the waters of the world" or "all the rivers of the world", a reference to the mythology of Oxum and how it is represented in everything that has life. The combination of these entities, one from the Abya Yala, (South America) and the other from Africa, summarizes the paths of this dissertation. It translates the strength we need to use to face the difficulties of exercising an anti-racist education as educators facing up against a curriculum that is still Eurocentric. Finally, a racist and prejudiced curriculum that is still practiced in the Municipal Education System in São Paulo, despite the current laws and programs for law enforcement purpose (Lei nº 11.645/2008). All of these are difficulties that increase even more because we are mostly women educators. It was from some indigenous and Afro-Brazilian cosmologies that I guided the experiences that will be narrated in our work. I have been a Teacher of Early Childhood Education and Elementary School I since 2011 and currently work in the "Sala e Espaços de Leitura" Program at E.M.E.F. Pedro Fukuyei Yamaguchi Ferreira, region of São Miguel Paulista. Since 2016, I have been part of the "Jogo da Onça and other indigenous games" team at the Regional Board of Education of São Miguel Paulista. I am co-founder of Coletivo Leste Negra, which was born from the school community in order to seek out for counter-colonizing educational practices. In this sense, my dissertation narrates and makes reflections from these pedagogical practices built in the school routine in one of the outskirts of the East Zone - Original Territory of Ururay. The idea is to encourage the presence of indigenous and Afro-Brazilian histories/cultures in the memories and identities of the children and their families who live in Ancestry Territory of Ururay. In this point I had the pleasure of remembering my sweet childhood, my sour adolescence and my bitter youth, all the phases that brought me to this bittersweet adult life that I still savor like a gastronomic surprise in my classroom daily chores. To do this, I start from some cosmologies of the Indigenous and Afro-Brazilian People, where the jaguar represents a symbol of resistance. It would be like thinking about "Urban Jaguars crossing the Rivers of Ururay".

Keywords: Countercolonial Pedagogies, Educational Practices, Periphery, City of São Paulo.

LISTA DE IMAGENS

Fotografias

Fotografia/Capa: Capela de São Miguel de Ururay datada do séc. XVI.....	Capa
Fotografia/Epígrafe: Ominobyalá.....	p. 11
Fotografia 01: Árvore Ficus Elastica, “falsa seringueira”.....	p. 18
Fotografia 02: Localização de São Miguel Paulista/SP.....	p. 22
Fotografia 03: Minha mãe Cleunice e meu pai Reinaldo Forte Farol Barra....	p. 25
Fotografia 04: Membros do Coletivo Leste Negra.....	p. 41
Fotografia 05: Atuando no Sarau Periférico.....	p. 45
Fotografia 06: Professoras/Professores em protesto.....	p. 49
Fotografia 07: Professoras/Professores reprimidos com violência.....	p. 49
Fotografia 08: Membros do Coletivo Leste Negra.....	p. 51
Fotografia 09: Capa do livro: Jogo da Onça.....	p. 71
Fotografia 10: EMEF Pedro Fukuyei Yamaguchi Ferreira.....	p. 73
Fotografia 11: Capa do livro: Currículo da cidade: Povos Indígenas.....	p. 74
Fotografia 12: Lugar de sonhos, inspiração e energia.....	p. 75
Fotografia 13: Capa do vídeo Omynobyalacy	p. 76
Fotografia 14: Banco Onça Mehinaku, de Eriná Mehinaku.....	p. 80
Fotografia 15: Banco Onça Mehinaku, de Eriná Mehinaku.....	p. 86

Imagem/Gravuras:

Gravuras de Jaider Esbell:

A Guerra dos Kanaimés – 2020 (pg. 70) e Kanaimé – 2011 (pg. 77).

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ANAI– Associação Nacional de Ações Indigenistas.
- APIB – Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
- APOINME - Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo
- BNCC – Base Nacional Comum Curricular
- CC – Componente Curricular
- CEI - Centro de Educação Infantil
- CJA – Campus Jorge Amado
- CIMI – Conselho Indigenista Missionário
- CLN – Coletivo Leste Negra
- CPTM – Companhia Paulista de Trem Metropolitana
- COPED - Coordenadoria Pedagógica
- DRE - Diretoria Regional de Educação
- EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental
- EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil
- FUNAI – Fundação Nacional do Índio
- IFSP - Instituto Federal São Paulo
- ISA – Instituto Socioambiental
- IES – Instituição de Ensino Superior
- JEIF - Jornada Especial Integral de Formação
- LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC – Ministério da Educação
- NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas
- NEER – Núcleo de Educação Étnico-Racial da SME
- OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONU – Organização das Nações Unidas

PMSP – Prefeitura Municipal de São Paulo

PNE – Plano Nacional de Educação

POSL – Professor Orientador de Sala de Leitura

PPP – Projeto Político Pedagógico

PPC – Projeto Político de Curso

PPGER – Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

PROFORMACON – Programa de Formação Continuada

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas

SESAI – Secretaria de Saúde Indígena Secretaria Municipal de Educação (SME)

SME – Secretaria Municipal de Educação

SP – São Paulo

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

STF – Supremo Tribunal Federal

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

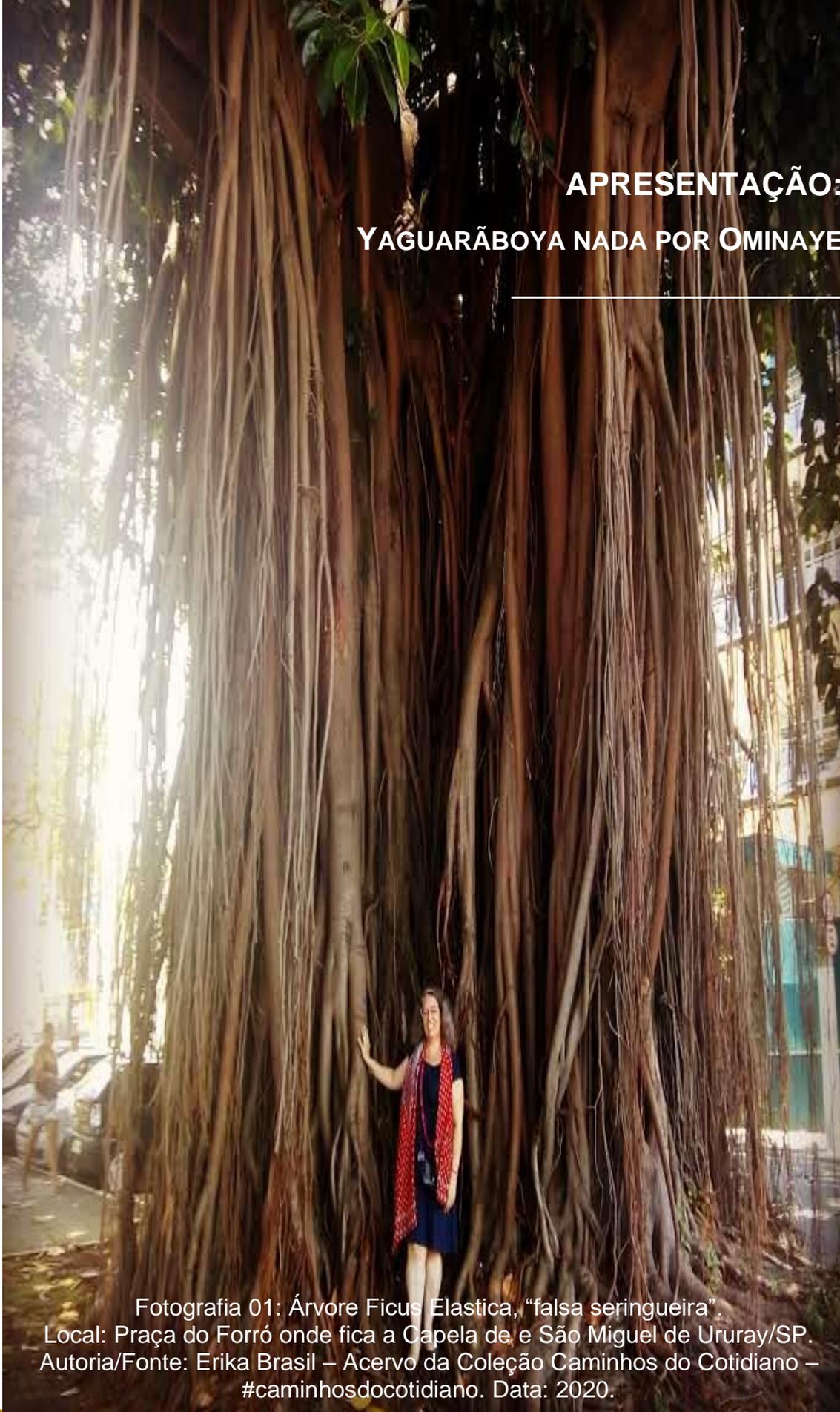
T.I. – Terra Indígena

UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz

UFSB – Universidade Federal do Sul da Bahia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: YAGUARÃBOYA NADA POR OMINAYE.....	18
I – MEMÓRIAS DE VIVÊNCIAS (“MEMORIAL DESCRITIVO”) COMO FRUTO (“PRODUTO”) EDUCACIONAL.....	25
1.1. MEMÓRIAS ANCESTRAIS COMO RE-EXISTÊNCIAS QUANDO PROTAGONIZAMOS A CONSTRUÇÃO DE NOSSAS IDENTIDADES.....	26
1.2. GUAPURUVU , FIGUEIRA E PAU-BRASIL.....	28
1.3. LABA LABA OYÁ.....	34
II – MANEJOS (“PROJETO DE INTERVENÇÃO) COMO FRUTO (“PRODUTOS”) EDUCACIONAL: NOSSOS FAZERES SÃO PLANEJADOS À MEDIDA QUE MANEJAMOS NOSSAS VIDAS.....	41
2.1. APRENDENDO A LECIONAR SOBRE AS HISTÓRIAS/CULTURAS INDÍGENAS NO CHÃO DA ESCOLA E DA VIDA.....	42
2.2. SURGIMENTO DO COLETIVO LESTE NEGRA COMO RESISTÊNCIA E (RE)EXISTÊNCIA – DIAS DE LUTA.....	47
2.3. A FORMAÇÃO NO PPGER/UFSB AJUDANDO A ADUBAR MANEJOS E BROTAR FRUTOS EDUCACIONAIS.....	51
2.4. OS FRUTOS PEDAGÓGICOS.....	53
III – FRUTOS (“PRODUTOS”) EDUCACIONAIS: A ATUAÇÃO NO E DO COLETIVO LESTE NEGRA – UM DOS “IRROMPERES DA SOCIEDADE DESCOLONIZADA”.....	54
3.1. (RE)EXISTIRMOS, Á QUE SERÁ QUE SE DESTINA.....	55
3.2. VOLUNTÁRIA E AUTÔNOMA.....	58
IV – FRUTOS (“PRODUTOS”) EDUCACIONAIS: O CURSO DE EXTENSÃO HISTÓRIAS E CULTURAS DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS E NEGRAS JUNTO AO IFSP DE SÃO MIGUEL PAULISTA.....	61
4.1. UM CURSO DE MUITAS VOZES E SABERES.....	62
4.2. OMINAYÊ – TODAS AS ÁGUAS DO MUNDO.....	65
V – FRUTOS (“PRODUTOS”) EDUCACIONAIS: JOGO DA ONÇA E OUTROS MANEJOS EDUCACIONAIS CONTRACOLONIAIS EM SÃO MIGUEL PAULISTA.....	70
5.1. O MEU ENCONTRO COM O JOGO DA ONÇA.....	71
5.2. FALANDO SOBRE O JOGO DA ONÇA.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
BIBLIOGRAFIA.....	80
FONTES: DIÁLOGOS/ORALIDADES, DOCUMENTOS OFICIAIS E MAPAS	86



APRESENTAÇÃO:
YAGUARÃBOYA NADA POR OMINAYE

Fotografia 01: Árvore Ficus Elastica, “falsa seringueira”.
Local: Praça do Forró onde fica a Capela de e São Miguel de Ururay/SP.
Autoria/Fonte: Erika Brasil – Acervo da Coleção Caminhos do Cotidiano –
#caminhosdocotidiano. Data: 2020.

“Luto para que a floresta fique de pé porque somos a floresta”

Davi Kopenawa

Comecei meus estudos da História e Culturas das Populações Indígenas de forma bem amadora, empírica, junto com as crianças de um quinto ano, primeiro olhando mais de perto os grafismos corporais, depois passei a me interessar pelas arquiteturas, quando percebi o equívoco de pensarmos que os povos originários estão afastados de concentrações populacionais como a cidade de São Paulo e que a Educação formal sempre nos quis impor uma verdade única e estereotipada com relação aos povos originários.

Houve uma imposição de estudos fragmentados, formatados, formados nas formas das caixas de saberes, onde até mesmo as estruturas arquitetônicas das escolas nos levam aos pensamentos divididos, perceba, são construídas grandes caixas de cimento que quase nunca conversam com os PPPs, que em sua maioria, pelo menos nas escritas, versam uma coesão nas ações e pensamentos de uma “unidade” escolar. Já encontramos aqui o primeiro grande desafio de quem quer desenvolver e concretizar ações que auxiliem a cumprir a lei 11.645/08.

Como já coloquei, o mito de Yaguarãboya é sobre uma mulher que vai se transformando aos poucos em um ser, parte onça, parte jibóia, por conta de sua desobediência e questionamento às regras sociais de seu povo, os Maraguá – narrativa originária da região do rio Abacaxis - AM. A caça e todo provento de uma casa eram funções do homem, num dia de pouca comida a mulher sente o desejo, e o satisfaz, de comer carne de onça se transformando em um “animal” temido por todos².

² Neste texto quando as palavras e frases aparecerem entre aspas é por causa de duas razões: 1) por serem de outros textos que são aqui citados na bibliografia ou nas fontes; 2) ou por pertencerem aos diferentes contextos socioculturais do linguajar chamado de popular, indígena, afro-brasileiro, religioso em suas diversas matrizes. Faço isto porque muito do que está aqui escrito pertence a estes universos tão fundamentais para esta pesquisa que em grande parte dos casos advém das oralidades. Portanto, as aspas utilizadas demonstram meu profundo respeito aos sentidos do que foi/é dito.

Ominayê significa “todas as águas do mundo” ou “todos os rios do mundo”. Oxun, senhora da beleza, arquétipo de liderança feminina, é as águas do líquido amniótico, das medulas e do sangue, o que corre em nossas veias e o que escorre entre as pernas de todas as fêmeas. Oxum é o mistério da concepção e luta pelo direito a vida. É guerreira das lutas pelos direitos de sementes que somos. É o útero onde nascem todos os yaô³. Nelas, Yaguaraboya e Ominayê, existem as forças que precisamos utilizar para enfrentarmos as dificuldades quando exercermos como educadoras uma educação antirracista e contracolonial.

Que a força do feminino nos cubra ao procurarmos transformar práticas educacionais historicamente constituídas e derivadas de uma tradição curricular e patriarcal totalmente padronizada por normatizações eurocentradas. Na minha percepção este é o caso da Rede Municipal de Educação em São Paulo, onde atuo como educadora.

Minhas vivências como professora iniciaram-se aproximadamente há 15 anos, entre 2007 e 2008, a partir desta uma década e meia de vivências como educadora que reitero o que escrevi no começo desta apresentação sobre a SME SP. Na minha percepção, persistem nas escolas municipais, a necessidade de modificar práticas historicamente consolidadas por uma tradição curricular escolar padronizada e normatizada de forma colonial.

Isto é, apesar da Lei 11.645/2008 também completar 15 anos, as barreiras à descolonização de olhares e práticas educacionais, em se tratando de Povos Indígenas e Afrodescendentes, continuam. Isto ocorre não devido à falta de legislação e políticas públicas educacionais, mas por termos uma cadeia de práticas racistas e uma não interação às práticas das legislações da própria rede, está ligado às formas de como são aplicadas essas políticas, ou mesmo às formas de como não são realizadas. Nossos Currículos internos, amplamente discutidos entre 2014 e 2017, encontram suas paredes no racismo estrutural vivenciado principalmente onde a democracia “se recusa” a entrar.

³ Yaô - Como é chamado o Iniciado nas maiorias das práticas das religiosidades de matrizes africanas. Yáô = “mulher” do Orixá, “casado com Orixá”

Não podemos dizer que o Currículo da Cidade de São Paulo piorou em relação a sua origem, nem mesmo que se modificou, ele apenas seguiu o curso do tempo, onde não temos controle, principalmente na Educação, o tempo da escola é muito diferente do tempo dos educadores e do tempo social, o tempo da escola demora a assimilar as mudanças, a acomodar suas características, e ao termos uma volta à políticas hegemônicas nos últimos cinco anos, a tendência é que, mesmo com muita resistência e luta, o conservadorismo permaneça nos “batendo”. Ao serem introduzidos os Currículos Antirracistas as barreiras são naturalizadas e muitas vezes adubadas pelos xenófobos e racistas de plantão.

Desta maneira, penso que mesmo com a legislação vigente e práticas pedagógicas persistentes, as barreiras coloniais e racistas ainda permanecem, por serem práticas e concepções enraizadas em diferentes formas de colonialidade e racismos. Como bem analisa Nelson Maldonado Torres (2007):

[...] a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo [sistema colonial], mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si [...] Na forma da colonialidade, ele chega às raízes mais profundas de um povo e sobrevive apesar da descolonização ou da emancipação das colônias latino-americanas, asiáticas e africanas nos séculos XIX e XX (Torres, 2007, p. 131. In: Candau, 2010).

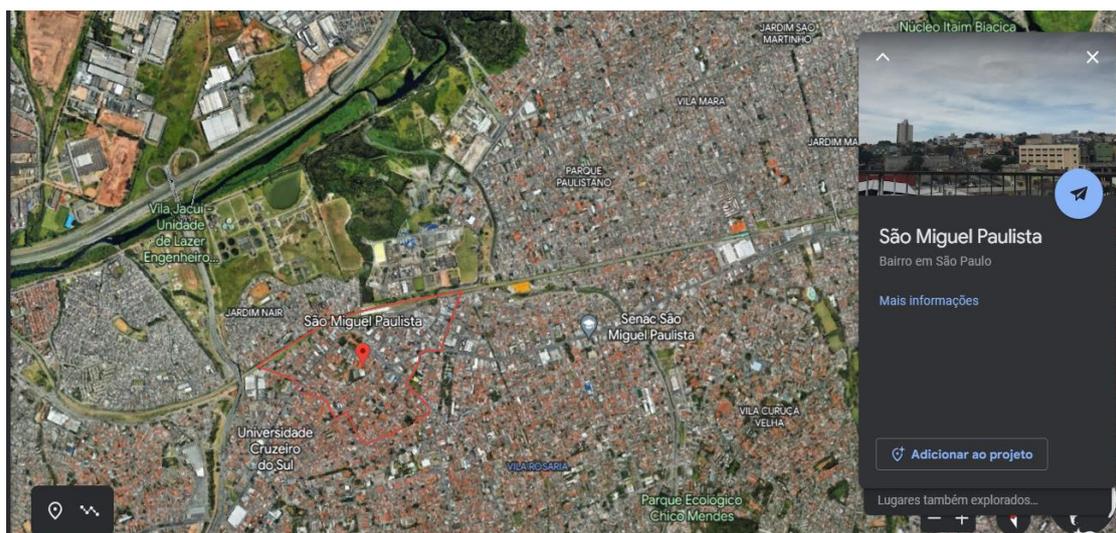
Dificuldades que aumentam ainda mais por sermos, na maioria, mulheres educadoras e moradoras das periferias paulistanas. Percebo que por vezes utilizam até mesmo isto para justificarem as falhas na não aplicação da legislação e políticas públicas. Essa percepção, aguçada a partir das conclusões de Frantz Fanon (2006), possibilita ponderar que buscam impor nas subjetividades das pessoas, culpas para justificarem falhas desejáveis pelos que estão à frente dos poderes reais e questiono se os que estão à frente das políticas educacionais na cidade de São Paulo realmente desejam a aplicação da Lei 11.645/2008⁴. Quero dizer, a aplicação da Lei de forma contracolonial e antirracista, assinalando algumas das razões das desigualdades sociais da

⁴ Apesar de acreditar que este quadro é mais amplo, aqui me refiro especificamente à cidade de São Paulo porque é onde atuo como educadora na Rede Municipal de Ensino.

população brasileira, advindas da espoliação das terras indígenas, etnocídios e genocídios dos Povos Originários e da população periférica.

Mesmo quando não se faz presente de maneira institucional, o Currículo Antirracista, que se fortalece em práticas comunitárias, acaba se autossustentando. O surgimento do Coletivo Leste Negra é prova dessa teoria. Começamos como professoras e professores voluntários, desobedientes com relação às normas contracoloniais, como Yaguarãboya nadando por Ominaye, enfrentamos os questionamentos e somamos nossos entendimentos das cosmovisões indígenas e afrodescendentes para trabalharmos em união, neste sentido, esta dissertação assinala, como um de seus frutos, possibilidades de caminhos que tenho percorrido com outras e outros educadores.

Do mesmo modo, apresento reflexões que faço a partir dessas práticas pedagógicas construídas no cotidiano escolar numa das periferias paulistanas localizada na Zona Leste - Território Originário de Ururay. Esse Território é um dos lugares mais povoados da cidade de São Paulo. A população total da Subprefeitura de São Miguel é de 369.496 habitantes (PMSP, 02 out. 2022).⁵



Fotografia 02: Localização de São Miguel Paulista/SP e região.
 Autoria/Fonte: Google Earth Data: 26 jul. 2023

⁵ A Subprefeitura de São Miguel é composta pelos seguintes Distritos: São Miguel (92.081 pessoas), Jardim Helena (135.043 pessoas) e Vila Jacuí (142.372 pessoas) (Fonte/Documentos: PMSP, 02 out. 2022).

De forma alguma, meu objetivo nesta dissertação é apresentar um método ou modelo pedagógico definitivo a ser seguido. Meu objetivo é, antes de tudo, contribuir a partir das minhas experiências como educadora, vivenciadas cotidianamente na luta antirracista e contracolonial, para aplicação da Lei 11.645/2008 a partir dos fazeres educacionais autônomos contracoloniais.

Este texto de mestrado busca assinalar alguns dos caminhos que percorri até aqui e que estou assentando na forma de redação para a apresentação da dissertação. Percursos entrelaçados com minha própria história de vida como mulher, mãe, sacerdotisa e educadora na periferia paulistana.

Desta maneira, o que segue toda a dissertação é uma redação baseada em minhas vivências junto à comunidade onde moro. Desejo que este exercício contribua contracolonialmente para que as pessoas cada vez mais gerem suas próprias compreensões e escritas sobre suas memórias, identidades e história.

Vale destacar que uma das possibilidades de dissertação junto ao PPGER/UFSB é composta por três capítulos, vistos aqui como entrelaçados o tempo todo tornando-se um percurso só:

I - Memorial Descritivo,

II - Projeto de Intervenção e

III - Produtos Educacionais.

Essa nomenclatura foi rebatizada à maneira indígena por indicação do do meu orientador, Prof. Casé Angatu. Isto ocorreu não só por causa de questões estéticas, ou de estilo linguístico, são razões relativas às formas de como me relaciono com a vida. Isto é, meus percursos, vivências e manejos pedem nomes que se aproximem de outras temporalidades, por vezes distintas das acadêmicas, que estão relacionadas com meus interesses de aprendizados dentro das culturas de terreiros e aldeamentos. Como derivação, os nomes de cada parte desta dissertação ficaram da seguinte forma:

- Memorial Descritivo tornou-se Memórias de Vivências;

- Projeto de Intervenção é aqui chamado de Manejos;

- *Produtos Educacionais* tem a nomenclatura de *Frutos Educacionais*.

No primeiro *Capítulo, Memórias de Vivências*, apresento algumas das dimensões da minha trajetória porque têm profundas relações com a dissertação como um todo. Foi deste chão que foram lançadas as sementes deste trabalho.

Os *Manejos Educacionais*, que vivenciei coletivamente como educadora na rede de ensino pública da cidade de São Paulo e como voluntária em outros tantos lugares também educacionais, são apresentados no segundo *Capítulo*. Foi através desta atuação, feita de forma coletiva, que as sementes de diferentes pessoas germinaram, brotaram e frutificaram, em várias atuações e coletivos distintos, mas em principal destacado aqui o surgimento do *Coletivo Leste Negra*.

Outro *Fruto* destes *Manejos* é a forma como desenvolvemos fazeres educacionais contracoloniais, incluindo entre eles o contato com o acervo das Salas e Espaços de Leitura em toda cidade, o Programa Jogos de Tabuleiro, em destaque o *Jogo da Onça*, e outras políticas públicas direcionadas para a educação antirracista dentro das escolas municipais. Estes fazeres educacionais constituem os temas do terceiro, quarto e do quinto *Capítulos* da presente dissertação, na tentativa de inspirar educadoras e educadores a partir dos saberes ancestrais indígenas e africanos.

Como última observação assinalo que, à medida em que este texto final foi sendo construído, as histórias e ações relativas ao *Coletivo Leste Negra* ganharam expressão. Assim, minha atuação junto ao *Coletivo* tornou-se um dos principais fundamentos do presente trabalho.

I - MEMÓRIAS DE VIVÊNCIAS: MEMORIAL DESCRITIVO COMO FRUTO ("PRODUTO") EDUCACIONAL



Fotografia 03: Minha mãe Cleunice e meu pai Reinaldo no Forte do Farol da Barra em Salvador – BA. Local: Salvador/BA. Autoria: desconhecida. Fonte/Acervo: Arquivo Familiar. Data: jul./ago. 1970

1.1. MEMÓRIAS ANCESTRAIS COMO RE-EXISTÊNCIAS QUANDO PROTAGONIZAMOS A CONSTRUÇÃO DE NOSSAS IDENTIDADES

“Jaikuaa potave havã nhandereko régua” – “Para aprender mais sobre nossos conhecimentos e saberes”.

(*Jaxucá*⁶ Patrícia).

É preciso entender melhor a educação diferenciada, a multiculturalidade dos povos que já estavam em nosso território. A proposta da nossa Constituição é a garantia da existência das diversidades étnicas no Brasil. Após 1988 o Brasil só é Brasil se realmente conseguirmos manter as garantias de direitos da nossa existência quanto nação, quanto povo e conseguirmos preservar o que chamamos de natureza, coexistir com o natural e com tudo que já transformamos.

Temos rios de todo jeito e nos gabamos de ter boa parte de água potável do mundo em nossas terras, isso só foi possível por competência dos povos indígenas em preservar as florestas e seus entornos. Se “Todas as Águas do Mundo” estão conosco e não dermos a devida proteção a elas, seremos devorados pelas mágoas, pelas más águas, pelas águas más que nos trarão doenças, infecções, maus pensamentos. É um impacto muito grave que já coexiste conosco e insistimos em manter. Precisamos entender a dimensão das doenças que as más águas nos trazem quase que imperceptivelmente.

A água é um elemento que busca facilidades para continuar em movimento, mas também pode encontrar seus obstáculos e deixar de fluir provocando medos, tensões, falta de praticidade, rigidez, formas sisudas para lidar com o outro. O impacto dessa rigidez são as brigas, o racismo provocado pela intolerância. A água é um meio para a vida, se deixarmos de cuidar das águas do mundo é porque deixamos de escutar as sabedorias dos povos originários e deixamos de aprender com as sabedorias ancestrais.

⁶ Jexucá Patrícia é uma Educadora e Coordenadora do Centro de Educação e Cultura Indígena – CECI Jaraguá, Terra Indígena Tekoa Pyau;

A escola é exatamente o reflexo da cidade de São Paulo e seus peixes agonizando secos, Piratyninga. Todos esses sentimentos desembarcam nas salas de aula e a Educação se transforma em hostilidades gratuitas. E se as escolas são espaços que estão dando vazão para as más águas, podemos adentrar nos pensamentos de Edileuza Penha de Souza, uma pesquisadora do Cinema Negro, que teve inquietações sobre sua arte, assim como estamos tendo inquietações sobre a Pedagogia. Ela então trouxe a luz estudos sobre a “Função social do afeto que é”, segundo ela, “o compromisso de ser feliz” e ela continua, “os nossos trabalhos não podem tratar somente a dor”.

Esse acúmulo de dores que estão atingindo nosso cotidiano, minimizando grandes violências, naturalizando “micros” violências, e aqui coloco micro entre aspas para identificar que não são diminutas, (não há como descrever violência “pouca” ou violência “muita”), são violências que não poderiam ter pulado os muros das escolas. Mas os fez, pois é água. Sentimentos são águas, sejam elas cristalinas, límpidas ou más. As águas procuram qualquer fresta entre as paredes para invadir o espaço vazio.

Vivenciamos muitas “regras”, “normas” que nos traz rigidez, contrário de fluidez. Daniel Munduruku e Cristino Wapichana nos alertam sobre “as palavras certas”, logo no início do Currículo da Cidade de São Paulo – Povos Indígenas, sobre o poder das palavras e do que vivenciamos depois das palavras ditas. Viver a honestidade do que aprendemos e não ter medo de reformular nossas crenças e direcionamentos de nossas vidas dentro das escolas e da sociedade.

Ações já previstas por Paulo Freire, que escreveu para que os educadores introjetassem outras lógicas de convívio em sociedade dentro das “paredes” de uma unidade educacional. Aliás, ele acreditou em “quebrar muros e paredes” dos lugares de Educação, revertendo a lógica de trabalho quando se trata da relação estudante – professor – sociedade – estudante. Ou seja, potencializar, entre as pessoas as águas de suas memórias ancestrais, direcioná-las e relacioná-las ao que somos no presente e enfrentarmos as imposições identitárias de forma cristalina, límpida e transformar as águas em potências das nossas usinagens de criatividade educacionais.

Por isto, revisito minhas próprias memórias num exercício de tentar apresentar possibilidades de compreender como ocorrem os apagamentos de nossas identidades étnicas e sociais. Esse etnocídio é um processo contínuo e estrutural, como o genocídio iniciado quando das invasões europeias, no século XVI. Serve à manutenção das desigualdades sociais por invisibilizar as razões de sua existência.⁷

Ao mesmo tempo, procuro aqui apontar alguns possíveis caminhos para protagonizarmos a nossa construção identitária como forma de (re)existência. Assim, pensei e redigi as *Memórias de Vivências* (Memorial Descritivo) que seguem, como uma demonstração do exercício do que venho praticando como educadora. Portanto, considero este memorial um Fruto (“produto”) Educacional que talvez inspire os que desejam atuar na construção de suas identidades através de suas memórias ancestrais. Do mesmo modo, procuro também estimular práticas educacionais no sentido freiriano da construção autônoma de conhecimento a partir dos saberes já existentes.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? (Freire, 2013, p. 43).

1.2. GUAPURUVU⁸, FIGUEIRA E PAU-BRASIL

A vida de cada ser vivo não começa com seu próprio nascimento, ela é muito mais antiga... (Ailton Krenak no vídeo Flecha 3, Metamorfose - Projeto Selvagem)

Meu nome é Erika Brasil Figueiredo. Sou neta de caiçaras paulistas e baianos do interior do estado da Bahia. Nasci no dia 17 de maio de 1971 na cidade de São Paulo. Minha mãe, Cleunice Brasil Figueiredo, também nasceu

⁷ Sobre o tema: Angatu, 2020, 2021, 2022; Ayra Tupinambá, 2019, 2020, 2022; Candau, 2008, 2009, 2010; Cusicanqui, 1987, 2010, 2018; Fanon, 2006; Freire, 2013; Spivak, 2010.

⁸ Guapuruvu - Nome popular da árvore que serve para fazer “canoa de um pau só”, muito utilizada pelos pescadores no litoral do Sudeste e Sul do Brasil; este nome deriva daquilo que alguns chamam “tupi-guarani”: yna ou ignara = canoa, e p’vú = tronco, tendo o significado de “tronco de fazer canoa”;



na capital paulista e meu pai, Reinaldo Nascimento Figueiredo, em Dracena/SP, quase na divisa com Paraná.

Meus avós paternos eram de Macaúbas, Bahia, Dona Maria Francisca nasceu em 1916 e seu João Nascimento Figueiredo, em 1910, ambos encantaram em 1999⁹. Meus avós maternos nasceram no litoral norte do estado de São Paulo. Meu avô, Arthur Oliveira Brasil, na Vila do Bonete, no Sul da Ilha Bela, em 1905, e encantou em 1998. Minha avó, Nice de Freitas Brasil, no centro histórico de São Sebastião, em 1910, encantou em 1992.

Toda minha ancestralidade sociocultural na formação do que sou hoje foi brotada nas histórias desses dois ramos familiares, baiano e caiçara. No convívio com meus avós paternos e maternos sempre me senti muito brasileira. Consigo perceber a influência em meus hábitos e gostos, no amor por conhecer nosso país através das andanças pelos bairros, pelas ocupações, quando possível em viagens e através dos estudos.

Reparo nos “jeitos de ser”¹⁰ das pessoas, em suas relações com o ambiente, a natureza de cada um, suas “moradas”, as “idas e vindas”, as geografias, os movimentos sociais. Gosto muito de farinha, comer frutas “tiradas do pé”, música popular e tocar tambor pelas ruas, nos ensaios para o Carnaval. Detesto o frio, dias e noites quentes me são as mais produtivas. As caminhadas longas são desafiadoras e revigorantes, são orações em momentos difíceis e inspiração nos momentos em que preciso da criatividade.

Sinto que essa “forma de ser e sentir” são heranças dessa minha ancestralidade baiana e caiçara. Até o fato de ser professora, certamente tem

⁹ Para a crença do Candomblé de Angola, de base e origem da população Bantú, do qual sou iniciada desde 1991, acreditamos que as pessoas quando morrem se encantam tomando-se parte do Universo, da Natureza ou uma entidade que irá cuidar de seus descendentes em outro plano até querer retornar como humano ou outro ser vivente. Para os indígenas Tupinambá a versão de morte é muito semelhante, por isso acredito na influência direta das religiosidades indígenas nas ações místicas da Nação Angola, ou vice-versa.

¹⁰ Aqui lembro da primeira nota de rodapé da nossa apresentação. Nela assinalo que as aspas nas palavras e/ou nas frases aqui utilizadas resultam do meu máximo respeito aos universos socioculturais e espirituais fundamentais para esta pesquisa que em grande parte advém das oralidades.





uma influência da família. Sou a terceira geração de docentes entre os Brasil, familiares maternos. Meus avós Nice e Arthur eram professores assim como minha mãe e tios que seguiram o mesmo caminho. Eu demorei bastante para me encontrar profissionalmente e isto só ocorreu já perto dos quarenta anos.

Eu decidi ser professora depois que fui mãe. As conversas, as perguntas, as vontades verbalizadas ou não, dos meus dois filhos, Ana Dandara e João Francisco, me eram tão complexas que começaram a me ensinar sobre o mundo de uma maneira muito diferente, então fui procurar saber mais e quando percebi estava numa escola como voluntária, depois como estagiária e enfim professora. Foram eles que me empurraram para esse universo maravilhoso.

Atuei em tantos outros trabalhos, mas foi no magistério que encontrei as forças que me motivaram/motivam. Entre essas forças, a aproximação com minha ancestralidade, e o fato da Educação ter salvado minha vida e a de meus filhos da pobreza extrema, também das tristezas enquanto convivíamos com um adicto. Infelizmente meu primeiro companheiro, até hoje, não teve sorte na busca de sua cura, e nós quatro ainda sofremos sequelas deste período.

Meu nome é com a letra *K*, esta que sempre foi uma grafia marcante para mim quando criança, ela nem estava nas cartilhas, no alfabeto antigo, como uma subversão a gramática era um presságio de liberdade, “segundo Sigfried Giedion, o nascimento do primeiro volume no espaço era representado, na cultura egípcia, pelo mito de *benben*¹¹”, já “o nascimento do espaço interno, por sua vez, estava ligado ao conceito de *ka*, o símbolo da eterna *errância*, uma espécie de espírito divino que simboliza o movimento, a vida, a energia (...), (CARERI, *Francesco em Walkscapes – O Caminhar como Prática Estética – página 60*), como Exu da mitologia Yorubá, “o que matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”¹², aquele que detém “o princípio, o meio e o fim”,

¹¹ Benben - A pedra que primeiramente emergiu do caos' um monólito que representaria a petrificação vertical do primeiro raio solar e que estaria ligado à simbologia dos menires, dos obeliscos e pirâmides;

¹² Ditado yorubá do reino de Oyó que se refere a entidade Exú, aquele que não tem tempo nem espaço.



não a toa eu nasci numa segunda feira, dia Dele, Orixá da comunicação, nosso corpo divino, o dono do verbo, do mercado¹³ e da vida.

Segundo meu pai, o nome Erika veio de um filme alemão cuja “atriz era linda”. Porém, ele não sabe mais nada sobre o filme do qual apenas copiou a grafia do meu nome. Uma vez um chaveiro do bairro onde morava me disse que “Erika é feminino de Hércules¹⁴”. Eu o questionei: “estaria predestinada a completar os doze trabalhos?” O chaveiro acenou com a cabeça dizendo que sim. Certamente não tenho o mesmo motivo da tragédia do herói semideus grego, mas trabalho muito e tenho a ânsia por uma transformação interna que alcanço através da Educação e de minha Fé.

Já fui palhaça, atriz, animadora de festas infantis, diagramadora gráfica, bloquista, vendedora de coxinhas, arquivista fotográfica, produtora de shows musicais e de teatro, assistente de palco, bonequeira, pesquisadora, (daquelas que ficam na calçada para entregar seus dados e respostas às estatísticas do mercado financeiro). Hoje sou educadora e acredito que serei sempre, pois me apaixonei pela profissão assim que saí de casa para ir ao primeiro dia de aula na faculdade.

Era início de agosto do ano de 2004 e uma ventania fez uma chuva de folhas de *Guapuruvu* cair como confete no meu corpo a festejar minha caminhada de estudante de Pedagogia. Foi como se eu colocasse minha canoa no rio e ela me trouxesse pelas corredeiras até chegar nas Terras de Ururaí, o Rio dos Guerreiros Lagartos. Bem na porta da EMEF Pedro Fukuyei Yamaguchi Ferreira, onde leciono hoje, estão localizados três pés dessas árvores, elas me jogam confetes verdes e amarelos todo agosto, na Rua Faveira do Mato, (outra denominação para guapuruvu), no Jardim Planalto, em São Miguel de Ururaí¹⁵.

¹³ Mercado, aqui no sentido de Ayê, a Terra, onde as grandes e pequenas trocas fazem permeiam nossas vidas nas encruzilhadas e caminhos que escolhemos para trilhar;

¹⁴ Hércules – semideus grego que fez doze grandes trabalhos para salvar sua reputação depois de ter sido acusado de matar seus filhos por um estado de loucura.

¹⁵ Ururaí – Rio dos lagartos. Nome anterior a colonização onde hoje está o bairro de São Miguel Paulista na capital de São Paulo.

Meu pai, Reinaldo, raramente ficava desempregado e minha mãe era funcionária pública do estado de São Paulo. Sempre tive onde morar e a comida na mesa muitas vezes era farta. Então nasci assim mesmo: de pai novinho, tomando as responsabilidades da vida “na marra” e mãe mais velha e independente.

Seu Reinaldo carrega as lembranças da seca de onde seus pais nasceram, em Macaúbas/BA, e o cheiro das flores de *Dracena* onde nasceu. Curiosamente a *Dracena* é o Peregum de Ogum, sua erva principal simbolizando suas espadas de abrir caminhos. Por isso considero tudo “aparentemente” branco: o sertão, sua pele e a flor que dava o nome da cidade dele, quase nada do retinto de meu avô João e do crespo de minha avó Nena, Maria Francisca. Essa aparência se dissipou quando comecei a estudar minhas raízes, depois da infância difícil de meus filhos.

Os pais de meu pai por muitas vezes tiveram dificuldades, mas não depois que chegaram na metrópole. Meu vô trabalhou de servente de pedreiro e depois de jardineiro, minha vó cuidava dos oito filhos e depois dos netos mais velhos.

Por vezes a vida era farta, tinham salários, casa própria, avós e filhos, a medida que se casavam. Isto fez com que boa parte da minha família paterna se pensasse tão nobre quanto a árvore que carregam em seus sobrenomes: a figueira. Considero essa “nobreza” como uma colonialidade presente na minha formação e um desejo inconsciente de “embranquecimento” na pele e nos costumes de todos nós. Exaltavam o sobrenome (Figueiredo) porque teria vindo de Portugal, mas sem saberem que talvez esta nomenclatura tenha sido derivada de uma imposição, num processo de conversão católica aos que não eram cristãos.¹⁶ Esquecem que minha vó Nena nem mesmo sobrenome tinha no registro, era Maria Francisca filha de Efigênia e Miguel sem nenhuma outra referência.

Nasci de uma mãe “doce e severa”: Cleunice - Nicinha. Se fosse representar minha mãe através de uma árvore ela seria um *Flamboaiã*

¹⁶ Sobre o assunto: NOVINSKY, Anita. **Cristãos-novos na Bahia: A Inquisição**. São Paulo. Perspectiva, 1972.



*Vermelho*¹⁷, imponente, generosa e linda. Única mulher entre três filhos, considerada transgressora das convenções machistas de sua época juvenil. Foi engolida por esse mesmo machismo na fase adulta. Um pouco antes de falecer, aqui mesmo onde nasceu, na aridez de São Paulo, ela me fez prometer lutar contra “esse câncer”, o de mama, que a levou, e o câncer do patriarcado, que a magoou profundamente a ponto de muitas vezes querer desistir da vida.

Como se tivesse tatuado em minha pele algum símbolo de liberdade feminista que ela sempre almejou, conseguiu introduzir inquietações em meu peito. Suas falas em seu leito de morte eram misturas de palavras de ordem com muito carinho e afeto. Ela se foi em 13 de setembro de 1988, me deixou a missão de renascer e lutar. Fui outra Erika após sua partida, por muito mais vezes usei seu sobrenome para firmar o compromisso de cúmplices dos ciclos de vida-morte-vida que se iniciou em meu destino.

Narro essa trajetória familiar paterna, materna e a minha própria, porque é o chão de minha formação e atuação como educadora e pessoa. Com certeza deriva dela a necessidade que possuo de desenvolver pedagogias contracoloniais para enfrentarmos o racismo, o etnocídio do branqueamento de nossas ancestralidades e o patriarcado.

Aos dezessete anos encontrei, ou fui encontrada, pelo conceito da *Filosofia Yorubá* de que tudo é cíclico e espiralado. Essa forma de sentir a vida tornou-se uma das marcas de meu caminhar com o Senhor Exú, *Igbá Kéta*¹⁸, meu protetor e amigo que se manifestou em ações a partir desta data.

Contam que Reinaldo e Nicinha, pai e mãe, chegaram da viagem de lua de mel grávidos de mim. Esta viagem durou mais de um mês e eles passaram por muitos lugares da Bahia: Salvador, Ilhéus, Itabuna, onde fica o Campus

¹⁷ Flamboaiã Vermelho ou acácia rubra é uma árvore da família das leguminosas.

¹⁸ “O sentido de Obá Oritá Metá / Igbá Kéta vez por outra também é apresentado a partir da interpretação de Exu como sendo o “+1”. Esse carácter o dimensiona enquanto ser inacabado, como potência que pode vir a se somar e alterar toda e qualquer situação. Assim, um de seus atributos diz respeito à regência das transformações do destino. Existe uma série de passagens que narram como Exu, a partir de suas transgressões, alterou de maneira improvável o desenrolar de situações limite” (INSTITUTO ILÊ ARÁ, 29 mar. 2020).



Jorge Amado da UFSB – PPGER, e onde hoje estou novamente, mais de cinquenta anos depois, mesmo que de forma virtual, firmando minha ancestralidade, escrevendo e pesquisando minhas impressões sobre o mundo e as ligações dos territórios que ocupo e que meus antepassados ocuparam. Sempre brinquei que sou “baiana de concepção”, mas é uma verdade que de alguma maneira a força e as vozes dos Encantados e dos Orixás caminham comigo nesta existência desde então, trago esta história porque é o solo e a base da forma como penso o ensino: a procura pela ancestralidade são como sementes que brotam para desafiar as imposições etnocêntricas que tentam apagar nossas memórias de pertencimento.

A viagem de “lua de mel” que a recém-casada Cleunice de Freitas Brasil, (nome anterior ao casamento que depois se tornou Cleunice Brasil Figueiredo), e Reinaldo Nascimento Figueiredo fizeram em 1970 ficou no meu imaginário por toda vida. Meu pai não é muito de falar sobre o passado, depois da morte de minha mãe ele se machuca com as lembranças, mas me recordo das explicações de cada imagem preservada nas poucas fotografias que eu amava visitar quando era criança. Por esse motivo era uma viagem que queria muito fazer, uma viagem de “sonho” de criança que realizei como pesquisa de campo em janeiro de 2023.

1.3. LABA LABA OYÁ

*Oni Laba Laba, Laba Ô / Ol’Odô Onira ô / Ol’Odô Onira ô
Ela é uma borboleta, Senhora do rio é Onira!
(cantiga de Oyá Onira).*

Meu pai conta que no dia em que nasci ele estava indo me registrar e uma *borboleta amarela* pousou em seu ombro no meio da rua, certamente em uma encruzilhada do *Ibirapuera*¹⁹, onde ficam até hoje o hospital em que minha mãe

¹⁹ Bairro da zona sul da cidade de São Paulo. O nome indígena Ibirapuera significa “pau podre”, pois antes das várias ocupações que já existiram na região era um local de charco. Hoje é um dos bairros mais caros da capital paulista com construções caras e shoppings famosos. Também encontramos na região o parque de mesmo nome

deu a luz e o cartório de registro civil. Ele jogou no bicho e “deu borboleta na cabeça”, com o dinheiro comprou um berço chique e providenciou as boas-vindas para mãe e filha em nossa casa na zona Leste de São Paulo. Era uma segunda feira e por isso mesmo saúdo os dois Orixás que logo se manifestaram naquele dia 17 de maio de 1971, Exu e Yansã.

Exu são as partículas de nosso corpo e as partículas mensageiras do sagrado.

Exu é o princípio dinâmico, a comunicação, o movimento. Senhor da reciprocidade, da sociabilidade e de todas as relações. Mensageiro entre todos os mundos. Exu fala todas as línguas, come tudo que a boca come, bebe tudo que a boca bebe. Ordem e desordem do universo. Exu faz o erro virar acerto e o acerto virar erro. O mais humano dos Orixás vive nas encruzilhadas (...). Exu é memória, é história, é vida” – (William, 2020, p. 20)

Exu é o primeiro, move a “fome” de vida que nos acompanha nas estradas, mesmo sem saber de sua proteção, desde meu nascimento estive com Ele em todas as minhas encruzilhadas. Aqui, além de pedir *agô*²⁰, eu também agradeço o próprio corpo de Exu. Quando fiz cinquenta anos pedi para minha filha, Ana Dandara, tatuar o Orixá da comunicação em forma de espiral nas minhas costas, me impulsionando a criatividade, a espiral da expansão eterna.

A borboleta me remete a Yansã, dona dos ventos, das tempestades, relâmpagos e do fogo. Ela tem a peculiaridade de se transformar em animais, seu movimento preferido é se transformar em uma grande búfala, pois é digna de sua força, altivez e velocidade, mas vez ou outra ela é uma singela e delicada borboleta, símbolo da metamorfose e de uma vida eterna. A borboleta põe seus ovos que se transforma em uma lagarta e hiberna para surgir borboleta e é eternizada na sutileza do bater de suas asas pelo ar, o ar onde reina Oyá, pairando em um *panapaná*²¹ mostrando a força da coletividade.

Especialistas indígenas da cultura Desana, do Rio Uaupés, sabem se transformar em Onça, o animal mesmo. Eles são capazes de pegar uma qualidade do bicho como roupa e vão

construído para as comemorações dos quatrocentos anos da cidade, na época exaltando uma política de exclusão habitacional que perdura até os dias de hoje;

²⁰ Agô = licença;

²¹ Panapaná, nome de origem indígena que significa o conjunto de borboletas;

embora como Onça para caças de inimigos. Os pajés vestem roupas de outros seres para caminhar entre reinos. Vestem a roupa da Onça, a roupa do pássaro... Lobos vestem roupas de humanos, gente veste roupa de peixe, fungos despem seres de suas roupas e os convertem em outros seres. Nós somos o mesmo mundo e uma mesma substância. Tudo é permeável e não há medo que o evite. (...) Estamos no mesmo casulo, somos uma floresta de seres. A floresta é o pulsar da vida. É a natureza que se estende, é desejo. Há muito medo dessa teia de vida entrelaçadas, há também amor. É o amor que move e cura (COCCIA, 2020 e BARRETO, 2018.)

Assim como o povo Desana, outros tantos povos acreditam que podem “vestir” as roupas dos animais como o poder de Yansã que se veste de outros animais, para muitos povos, ser um humano ou ser um animal não tem diferença, afinal estamos, somos, todos partes de um único ambiente harmonioso, ou que deveria ser harmonioso e autossuficiente.

Os contos e mitos antigos dos povos indígenas e africanos nos trazem inúmeras dicas de que todo ecossistema convivia em equilíbrio, o que infelizmente não ocorre nos dias de hoje. Desde pequena eu me preocupava com o desequilíbrio ambiental. Talvez por influência de meus avós, um jardineiro e o outro pescador, pelas contações de histórias de meu pai, pelas observações sobre as estrelas, a Lua, o pôr do Sol em cada dia que minha mãe insistia em apontar como os fenômenos da natureza são extraordinários, são uma festa, um presente.

A influência pode ser também direta de meu próprio *Ori*²², que traz a força das águas mais profundas e dos rios voadores da Amazônia, Água ancestral, ou dos Encantados marítimos, das sereias, dos seres de Atlântida. Meu vô Tuí, Arthur de Oliveira Brasil, vivia contando causos deste lugar mítico, como um bom homem do Mar, falava pra mim da importância do equilíbrio nas florestas, nos igarapés, nos mangues, na beira mar, para continuarmos com a vida. Os alertas todos já existiam nas décadas de 1970 e 80, quando o debate ecológico era quase inexistente.

²² Ori - a massa pensante que nos trouxe ao Ayê, “a cabeça enquanto divindade que conduz o próprio destino”. O culto a Orí procura o “reconhecimento da autonomia, priorização de decisões, equilíbrio interior para a lida com o exterior, equilíbrio interior para a saúde física e mental e lembrança das escolhas do destino”.

(Márcio de Jagun, 2019).

Quando eu tinha nove anos ganhei um concurso de redação, estava na terceira série. Minha professora era a Dona Rosária, lembro-me sempre de seus olhos amendoados e lábios finos. Estávamos descendo as escadas da escola depois do intervalo e ela me chamou para entregar uma carta cujo conteúdo dizia que eu estava convocada para ir ao Teatro Martins Pena, no bairro da Penha de França, aqui em São Paulo – SP. O motivo era receber um diploma de honra ao mérito, pelas minhas palavras. Escrevi que sobre a importância de nos atentarmos ao “meio ambiente”, que esquecíamos dos animais e florestas por estarmos “numa floresta cinza de pedras e concreto armado entre arranha-céus...”, algo que fazia com que os mais velhos pensassem sobre a destruição das matas no Brasil. Minha mãe ficou muito orgulhosa de meu feito, hoje penso que tive muitas influências nas quais eu realmente prestava muita atenção. Ativistas que passavam na televisão, em documentários ou programas jornalísticos, dizendo do perigo da transamazônica, de jogar o esgoto nas praias, dos lixos atômicos, a matança das baleias e claramente meus mais velhos já estavam alertando suas comunidades e eu absorvi tudo isso. Fui uma criança quieta e observadora, não tinha coragem de falar tudo que se passava na cabeça, a escrita aos poucos foi sendo minha aliada, uma amiga fiel para qual todos os segredos foram confidenciados.

Depois de muitos anos da borboleta no ombro de meu pai, já uma jovem adulta, me reencontrei com Yansã. Era um dia nublado e ao sair do curso de teatro, na *Casa Mazzaropi*,²³ fui convencida por meu amigo Paulo Henrique Romeiro Doim, a aceitar um convite para uma festa “misteriosa”. Hoje tenho o entendimento que não havia mistério nenhum, mas na época era um enigma. Minha amiga de infância, Vanessa, (nome fictício para manter o sigilo da identidade), havia me dado um endereço num pedaço de papel e pediu que estivesse no local, sem atrasos e com roupas claras, depois disso sumiu por mais de duas semanas. Quando interroguei a família somente me disseram que era para estar na “festa”. Paulo Henrique falou que sabia do que se tratava e se prontificou a me acompanhar.

²³ Espaço cultural do Governo do Estado de São Paulo.



Quando chegamos no portão percebi que o local estava bem cheio. Ouvi o som dos atabaques e isso me deu muito medo, medo não, uma angústia, aperto no peito, vontade de chorar. O lugar era um terreiro. Pensei em desistir, mas meu amigo me convenceu a entrar.

A família dela estava toda por lá, até tios e primos, a sensação de estar em casa, de lar, de pertencimento, era enorme. Então ela entrou no salão, com um vestido rosado com detalhes em vermelho, nas mãos uma imitação de alfange e uma “*vassourinha*²⁴” que achei linda. Na cabeça uma coroa que exibia uma franja na frente escondendo seus olhos, o mais esquisito de tudo é que nada disso me causou estranhamento, eu entendia que ali estava sim minha amiga, mas era uma versão divina dela, um corpo cheio de luz que me causava comoção, amor, orgulho e mais tantos outros sentimentos misturados com melancolia e uma catarse chorosa resume a minha presença naquele espaço.

Nada fazia conter as lágrimas, não eram forçadas, apenas transbordavam e por isso, talvez, fui levada a frente daquela divindade que me abraçou como se tivesse me colocado em seu colo e me mostrou as estrelas, os pores de sol mais lindos da Terra, a força daquela búfala e todo afago e beleza de uma borboleta. Por um momento parecia que falava sem abrir a boca, ela chamou a moça que estava ao seu lado, e esta, chegou em mim e deu o seguinte recado: “– Yansã pediu para ficar atenta pois ela irá abrir uma porta para você. Ela pede para não ter medo, saberá qual é a porta certa, assim que passar por ela nunca mais terá volta”. Foi isso. Até hoje agradeço demais pela insistência do Paulo Henrique, anos mais tarde ele mesmo se descobriu filho de Ogum Beira Mar, na Umbanda, fazendo todo sentido que um filho dele me mostrasse o caminho.

Alguns meses depois deste dia eu encontrei um conhecido numa lanchonete e ele estava bastante apreensivo, com problemas no namoro. Falou, falou, desabafou. Depois de um tempo comentou que gostaria de ir naquela mesma noite em um terreiro, e fomos. Uma pessoa muito sorridente e simpática, toda vestida de branco, abriu a porta. Meu colega perguntou pela vizinha que

²⁴ Essa “vassourinha” é um ERUEXIM, instrumento utilizado pelas realezas em algumas culturas africanas e nas religiosidades de matrizes africanas é usado pelos Orixás Yansã e Oxossy. Ele é feito de pelos de rabos de animais como cavalo, búfalo e boi. Para Yansã ele tem a função de conduzir e/ou afastar os mortos;





havia indicado o local. A moça respondeu que ela não estava. Ele quis ir embora e eu, numa brincadeira comigo mesma, falei para ele: - “já estamos por aqui, então vamos entrar, mesmo sabendo que ela não está, vamos!”. Sorri por dentro e pensei: “não tenho mais medo”. Aquele foi o terreiro onde me iniciei: casa de Ogum Xoroquê no bairro da Penha. Quem abriu a porta foi uma moça de Yansã, era a “tal porta” por onde entrei e nunca mais saí.

Meu segundo nascimento foi dia 21 de abril de 1991. Um pouco antes de completar vinte anos recebi o nome de Ominobyalá - um nome em *yorubá*, embora a casa tivesse fundamentos em Nação Angola.

Os rituais para encontrar os nomes dos *yaô* no Candomblé seguem os mesmos caminhos dos batismos no Povo Guarani. Tem um significado muito específico para a pessoa e não existe uma tradução literal. O verdadeiro significado somente o iniciado e seu *babalorixá*, ou sua *yalorixá*²⁵, sabem, pois são trazidos por sonhos, acontecimentos místicos ou transes do iniciado ou de outro membro da “família” que está se formando no compromisso com os Orixás, Inkinces ou Encantados. O novo nome é o sopro da vida que se renova. Meu nome é algo como “as águas que passam pelo céu”. Ominobyalá. Ao longo da minha trajetória na espiritualidade outras forças se uniram e foram fazendo sentido, ano após ano. As forças dos povos nômades, as forças do sertão baiano, as forças da terra e as forças das florestas, me ensinaram a lutar “sozinha”, mas não solitária, depois da morte de minha mãe.

Quando decidi fazer faculdade foi tudo muito rápido, eu me inscrevi no vestibular, fiz a prova, passei, mas como passava por privações não fiz a matrícula, não tinha dinheiro para pagar, quiçá manter as mensalidades, e muitos diziam que seria um “luxo” diante da realidade que passava. Falei com muitas pessoas que não conseguiram me ajudar, a felicidade por ter passado nas provas foi tomada pela sensação de frustração, desisti com medo de nunca mais ter a mesma oportunidade no futuro. Foi quando recebi um telefonema, da dona Leda Longo, mãe de duas queridas amigas da adolescência, Laelya e Denise. Ela quis saber: “a desistência é porque não gosta do curso? Ou por não ter

²⁵ Babalorixá e Yalorixá são os sacerdotes de referência numa casa de candomblé. Babalorixá para os homens e Yalorixá para mulheres líderes, na Angola temos o referente Tateto e Mameto. Popularmente são chamados de Pai e Mãe de santo.





dinheiro suficiente para se manter na faculdade?”. Ao saber os motivos reais da desistência ela me pediu o número da minha conta bancária e se comprometeu a buscar uma solução. Não existia PróUni e SISU na época, o próprio FIES exigia fiadores ou renda para ser incluso no programa de financiamento. Dona Leda não somente me ajudou com a matrícula como me pagou seis meses de mensalidades, mês a mês, a única exigência era que eu a visitasse para contar como estavam meus estudos, o que estava aprendendo, foi assim que me comprometi com a Educação, tinha urgência com a melhora da minha vida e da vida dos meus filhos.

Neste contexto abracei mais fervorosamente o compromisso com a espiritualidade, não há como negar que muitos braços me abraçaram e muitas mãos me conduziram a cada passo e assim a certeza do caminho veio. Até hoje ando com firmeza, chão de barro ou de asfalto, é nele que me encontro feliz.

Foi assim que a curiosidade sobre as culturas indígenas chegou. A princípio pelas entidades, os Caboclos Guana, Pena Branca e a Cabocla Jurema. Depois com a medicina indígena, me auxiliando em busca de algumas curas. Até que em 2008 eu estava recém-formada no mesmo ano que surgiu a lei 11.645, modificando a Lei de Diretrizes e Base da Educação e a lei 10.639/03. Leis que foram frutos das lutas dos movimentos negros e indígenas em todo o país. Na prática comecei a perceber que meus conhecimentos da cultura de terreiro, juntamente com os inúmeros ensinamentos de tantas culturas indígenas e africanas, poderiam me auxiliar no fazer pedagógico.

Sou filha de Oxum (nação Quetú), Inkince Dandalunda (nação Angola), dona do ventre, do ouro, da riqueza imaterial e material. Diante da importância de Oxum para todas as religiões de matrizes africanas, dividindo esta posição somente com Exu. Não vejo outro caminho para falar da minha escolha profissional a não ser percorrendo o caminho das Águas, da Vida e do Amor. Meu trabalho é protegido por ELA. Ser professora foi um presente dado por ELA e pelos Encantados, pelos outros Orixás que também me protegem, por toda espiritualidade e por minha ancestralidade.



II – MANEJOS (“PROJETO DE INTERVENÇÃO”) COMO FRUTOS (“PRODUTOS”) EDUCACIONAIS:

NOSSOS FAZERES SÃO PLANEJADOS À MEDIDA QUE
MANEJAMOS NOSSAS VIDAS



Fotografia 04: Membros do *Coletivo Leste Negra*.
Local: Sede da Associação *100 Zala* no Centro de São Miguel Paulista.
Acervo: da autora da dissertação – Erika Brasil. Data: 2018

*“Luto para que a floresta fique de pé
porque somos a floresta”*

(Davi Kopenawa)

2.1. APRENDENDO A LECIONAR SOBRE AS HISTÓRIAS/CULTURAS INDÍGENAS NO CHÃO DA ESCOLA E DA VIDA

Comecei meus estudos e militância educacional sobre as *Histórias e Culturas das Populações Indígenas e Afro-brasileiras* a partir dos *manejos pedagógicos* que desenvolvi cotidianamente e de forma coletiva há cerca de 15 anos atrás, no chão das escolas onde atuei. Somaram-se a essas vivências educacionais, outras tantas experiências de vida fora do ambiente escolar, no que insisto em chamar de “Universidades das Ruas”.

Por isto, neste texto, escrevo sobre essas vivências que vão para além dos muros das escolas, universidades e que me tornaram professora. Ou seja, não foi através de uma formação acadêmica específica que construí minhas práticas educacionais sobre os Povos Originários e Populações Negras, bem como formas de pensar e sentir suas presenças. Foi no chão da escola e nos convívios fora dela.

Até porque, e como escrevi no capítulo anterior, somente quando me formei na universidade é que foi aprovada a Lei 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino das histórias e culturas indígenas na rede pública de ensino (Brasil, 10 mar 2008). Assim, quando realizei minha graduação, era um período anterior e não vivenciei nenhuma formação específica de como lecionar sobre este conteúdo. Já discutiam a lei 10.639/2003, mas ainda de forma estereotipada e sem muito objetivos práticos como encontro no documento da Rede Municipal de São Paulo com o Currículo Antirracista, somente publicada no início de 2023, vinte anos depois da lei e debaixo de muita luta dos movimentos negros dentro entre os professores, assim como foi o Currículo da Cidade Povos Indígenas do fim de 2019.

O orientador desta dissertação (Casé Angatu, 2020) analisa que mesmo com a aprovação da Lei 11.645/2008, uma das barreiras para sua aplicação é a falta de formação pedagógica sobre o assunto nas universidades. Imagine então como era antes da criação da Lei.

Outro motivo que, na nossa análise, tem dificultado a viabilização da Lei 11.645/2008 é: a lei não mencionou em seu texto a obrigatoriedade dos cursos superiores, especialmente os

de formação de professores, em efetivar “o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. Aqui cabe questionarmos quantos são os cursos que possuem disciplinas e/ou conteúdos específicos sobre as Histórias e Culturas Indígenas voltados para a formação dos futuros professores? Pensando nos cursos de licenciatura em história: será que os mesmos só tratam da questão indígena como um tópico das disciplinas Brasil Colônia e História da América? (Angatu, 2020, p. 58)

Entre 2007 e 2008, principiava assim minhas experiências como educadora atuando como orientadora pedagógica na formação dos planos de implementação dos Centros de Educação Infantil (CEIs) e Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs) conveniadas com OnGs, no Território de Guaianases – Zona Leste (ZL) paulistana. Passava por dificuldades como barreiras para aquisição de bonecas negras que fariam parte do acervo da brinquedoteca.

Em 2009, ingressei como professora das séries iniciais na rede municipal de Educação de Itaquaquecetuba, município localizado na Zona Leste da Região metropolitana de São Paulo, região do Alto Tietê. Lá também trabalhei como educadora do Programa de Formação Continuada para Professores (PROFORMACON) na Secretaria Municipal de Educação do Município por meio de projetos de rádio escolar – educomunicação.

Foi nesta rede de ensino local de Itaquaquecetuba que ministrei meu primeiro projeto de pesquisa envolvendo Povos Indígenas. Era um estudo simples, mas revelador, envolvendo estudantes de um quinto ano escolar sobre pinturas corporais e as peculiaridades de cada povo. Vale lembrar que em 2009 o acesso à internet não era para todas as pessoas - de certa forma ainda continua assim para muitos. Foi com certa dificuldade que então conhecemos um pouco da diversidade de saberes acumulados nas culturas dos Povos Originários.

A partir desta ação comecei uma jornada que permanece até hoje. Isto é, a procura por estudos, leituras, comparações, militância e vontade de conhecer mais profundamente o desenvolvimento de ações para aplicar a então recém aprovada Lei 11.645/2008. Essa lei de 10 de março de 2008 tornou obrigatório na rede oficial de ensino fundamental e médio, o estudo das histórias e culturas Indígenas e Afro-Brasileira (Brasil, 10 mar 2008).

Porém, as barreiras para aplicação da 11.645/2008 sempre foram grandes, especialmente devido às concepções coloniais que congelam os Povos Originários no século XVI. Quando se trata de Indígenas na atualidade, outra postura comum é assinalar que essas populações somente existem em regiões distantes do contato com uma “suposta civilização”, apresentando de forma pitoresca suas culturas e organizações sociais. O que não é a realidade.

Em 2010 tornei-me professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Secretaria Municipal de Educação do Município de São Paulo na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Prof^a Izabel Aparecida Cristovão da Luz - Zona Leste paulistana. Recém-chegada na prefeitura de São Paulo, minha intuição me carregou para as ruas, para os lugares de domínio de Exú e Ogum.

Em 2012, conheci os *Pernaltas do Orun*, do *Bloco Afro Feminino Ilú Obá de Min*.²⁶ Logo em seguida, 2013, fui aceita para tocar djembé, instrumento musical artesanal de origem africana, neste mesmo *Bloco* que em tradução livre significa “Mãos Femininas que Tocam Tambor para o Rei Xangô”.²⁷

A experiência no *Bloco* totalmente feminino foi muito além dos processos de carnavais, aprendizagens com os instrumentos de percussão, dança e canto. Aprendi uma *Educação de Terreiro* que me remeteu às vivências que já possuía como iniciada e me fez repensar a conexão com o mundo de forma coletiva. Com certeza o *Bloco Ilú Obá de Min* influenciou meu fazer pedagógico. A partir do momento que me tornei uma “guerreira do castelo de Xangô”, passei a participar de grupos de estudos étnico-raciais ligados ao trabalho como educadora. Paralelamente, retomei minhas atividades artísticas e comecei a desenvolver

²⁶ Para maiores informações sobre o bloco de mulheres acesse as redes sociais do *Ilú Obá de Min* no Youtube, Facebook e/o Instagram através das páginas: @iluoba, @atunko.iluoba, @xequeridas_iluoba, djembes.iluoba, @vozesdoilu, @alfaiasdoiluoba, @agogodoilu, @pernaltasdoorun. Ou ainda através dos trabalhos acadêmicos: “Cartas de MareAr – as cartografias no Ilú Obá de Min”, dissertação de Raquel Silva dos Santos pelo Instituto de Artes - UNESP. Segue o link: <http://hdl.handle.net/11449/250480>.

²⁷ Xangô “o grande Obá”, Obá = Rei, é a divindade que representa os grandes reis e todos os seus ancestrais, dono do trovão e das pedreiras. Ele, junto de uma de suas esposas, Yansã, são os protetores do bloco Ilú Obá de Min.

formas de contação de histórias afro-brasileiras, indígenas e adaptações de *Itãs* e/ou *Orikis*²⁸.

Esses saberes me auxiliaram a conhecer os ativistas culturais da região leste. Nesta época, 2013-2014, a maioria das minhas apresentações foi em *Saraus Periféricos* no Itaim Paulista e São Miguel - Território Ancestral de Ururay.



Fotografia 05: minha atuação no Sarau Periférico "O que dizem os Umbigos?!", na quadra da Escola de Samba Santa Barbara, no Itaim Paulista, que acontecia mensalmente até 2017.

Foto: Queila Rodrigues.

Data: 15 de março de 2014.

Influenciada pela efervescência cultural que vivia, em 2015, meu trabalho como professora passou por um salto em criatividade. Naquele ano fui eleita pelo Conselho de Escola para a função de Professora Orientadora da Sala de Leitura - POSL, na EMEF Prof^a Izabel Aparecida Cristovão da Luz, onde fiquei até 2018.

²⁸ Itan (em iorubá) são os relatos míticos reproduzidos oralmente e através das cantigas nos seguimentos de Candomblé. Oriki significa "texto" ou narrativa que chegam de formas diversas ao nosso conhecimento.

Foi na Sala de Leitura que conheci a *Literatura Indígena* e iniciei um novo momento de pesquisas sobre as Culturas dos Povos Originários. Naquele contexto territorial, desde 2015, comecei a atender unidades da rede de ensino para formações em *Jornada Especial Integral de Formação – JEIF e/ou Paradas Pedagógicas*. São encontros direcionados à educação para relações étnico-raciais, envolvendo principalmente a temática das culturas indígenas. Com essas experiências em *Sala de Leitura* aprofundei minhas pesquisas sobre o universo das lutas, culturas e histórias indígenas. Isto ocorreu através de constantes conversas, formações com indígenas aldeados, indígenas urbanos, leituras, bem como organização de *Projetos como o LEITURAÇO Indígena*, (sessões simultâneas de leitura com obras de autores indígenas que acontecem nas unidades da rede).

Ao mesmo tempo, estabeleci contatos mais assíduos com as formações do Núcleo de Educação Étnico-racial da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – NEER – SME/SP. Naquela época São Paulo experimentava a gestão progressista de Fernando Haddad, 2013-2016.

A partir de 2016 entrei para a equipe do *Jogo da Onça e outras Brincadeiras Indígenas* como formadora de professores da região, na Diretoria Regional de Educação de São Miguel Paulista, DRE MP, junto à professora Tatiana Galeno, que trouxe uma bagagem experienciada em família como neta de avô que brincava o Jogo da Onça com ela e suas primas e primos. Os trabalhos na DRE MP intensificaram meus estudos e meu desenvolvimento prático das políticas públicas afirmativas, trazendo a Lei 11.645/2008 aos meus manejos diários.

Na mesma época uni forças com outras/outros educadoras/educadores que também praticam a valorização da oralidade, escuta e circularidade do tempo e acreditam numa educação decolonizadora. As sementes, do que seria no futuro um grupo de estudos com mais de cem pessoas, o *Coletivo Leste Negra*. Através deste coletivo iniciei um processo de atendimento às escolas da região de forma voluntária, levando principalmente o Jogo da Onça como pretexto para introdução aos estudos do ensino étnico-racial.

Realço que vivíamos então um contexto de administração pública municipal favorável às práticas educacionais decoloniais, antirracistas e

coletivas. Tínhamos na Secretaria de Educação da Cidade de São Paulo, políticas públicas voltadas a *Educação Étnico-Racial*, tais como: formações mensais para todos os professores interessados, (escolhiam um representante por unidade), onde aprendíamos sobre os temas pertinentes a fomentar uma educação antirracista, formações com o tema para as/os POSLs da cidade inteira e compra dos acervos de Literatura Indígena e livros de temáticas afro-centradas.

Nesse período, discussões sobre a renovação do Currículo da Cidade foram realizadas e as formações com os educadores e educadoras de cada área de conhecimento também levavam em conta a lei 11.645/2008. O Núcleo de Educação Étnico-racial da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo tinha uma equipe em cada Diretoria Regional de Ensino e em nosso território estava à frente a professora da rede e da PUC – SP, Tânia Soares. Fazíamos encontros mensais de grupos de estudos, tínhamos palestras, seminários, acompanhamentos nas escolas, plantões de dúvidas e cobrança dos supervisores para que educadores “desavisados” fossem convidados a “sonhar” com um futuro mais equânime.

Porém, em 2016, enquanto avançávamos na consolidação de políticas públicas educacionais étnico-raciais, vivíamos a disputa política às vésperas das eleições municipais. Com as eleições daquele ano, as urnas caminharam para a direita, e foi eleito João Doria como prefeito.

2.2. SURGIMENTO DO COLETIVO LESTE NEGRA COMO RESISTÊNCIA E (RE)EXISTÊNCIA – DIAS DE LUTA

Não demorou muito depois da posse em 01 de janeiro de 2017 para que o prefeito João Doria colocasse em vigor suas práticas neoliberais e mercantis. Seguindo os passos do também liberal governo do estado de São Paulo, gestão Geraldo Alckmin, a prefeitura da cidade aplicou na educação pública um verdadeiro desmonte de concepções educacionais populares.



Ocorreu a partir de então a terceirização de alguns serviços, precarização da alimentação escolar e desmonte completo do plano de carreira das/dos professoras/professores. Já era previsto inúmeras lutas no âmbito municipal e depois mais intensificadas no âmbito estadual também, pois, em 6 de abril de 2018, João Dória deixa a prefeitura para concorrer à vaga de governador do Estado de São Paulo, fazendo uma parceria com o prefeito Bruno Covas que assumiu seu posto na prefeitura.

Os horrores por que passaríamos pelos anos seguintes incluíram longas greves e paralizações. Inclusive uma greve intitulada “*greve pela vida*”, no início de 2021, em que fazíamos protestos com números reduzidos de pessoas, já que não podíamos ser incoerentes com uma das reivindicações que era o direito ao distanciamento social para barrar o contágio de covid-19. Foi a greve mais longa e mais difícil de participar, pois enquanto estávamos sem ir para as unidades escolares, sabíamos que as famílias dos estudantes, principalmente as trabalhadoras, não teriam o mesmo privilégio diante da pressão social para que tudo pudesse “voltar ao normal”.

Tudo acontecendo concomitante à chamada “segunda onda”, que levou muito mais brasileiros do que quando o início da pandemia foi decretado. Muito antes, longe de podermos prever o que passaríamos no futuro, fomos à luta em março de 2018, um mês antes da troca de mandato, e nos manifestamos conforme podemos ler no texto jornalístico da época e as fotografias na sequência:

Como já era de se esperar de governos de direita e autoritários, a repressão contra as/os professoras e professores foi bastante violenta. A professora Luciana Xavier, integrante do Coletivo Leste Negra na época, foi cruelmente atingida no nariz por um golpe de cacetete dentro da *Casa do Povo*, sua foto com o rosto todo ensanguentado correu os principais jornais do país como símbolo do processo fascista que se iniciava em nossas governanças. A greve do início de 2018 barrou por pouco tempo as reformas, que acabaram sendo aprovadas em dezembro do mesmo ano, após o Natal, pegando a maioria dos servidores, e protestantes, em férias ou recesso de trabalho dos órgãos públicos e inevitavelmente longe da possibilidade de organização de novos atos.



Protesto de professores municipais tem tumulto em frente à
Câmara de SP – 14/03/2018

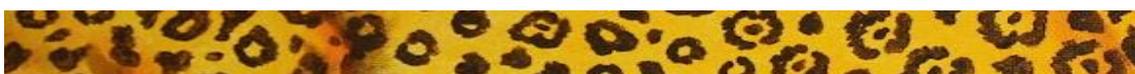
O ato é contra a reforma da Previdência de servidores municipais. De autoria da gestão de João Dória (PSDB), o projeto de lei pretende, entre outros pontos, aumentar a alíquota básica de 11% para 14% (saiba mais abaixo). [...] Contrários à proposta, os professores municipais entraram em greve. Segundo a Prefeitura, a paralisação atinge 93% das 1.550 escolas da administração direta, ou seja, que são administradas pela própria Prefeitura com o auxílio de funcionários públicos (Fonte: G1, 14 mar. 2018).

Fotografia 06:
Professoras e Professores da rede municipal em protesto contra a política de desmonte da educação do prefeito João Dória. Fonte: DCM - Diário do Centro do Mundo. Data: 23 ago. 2017.



Fotografia 07:
Professoras e Professores foram violentamente reprimidos nas manifestações contra as reformas educacionais do prefeito Dória. Fonte: G1. Data: 14 mar. 2018.

Ainda no início do mandato Dória no município, nosso grupo de estudo da Diretoria Regional de Ensino de São Miguel Paulista, Território ancestral de Ururáí, foi dissipado, porém, resistimos e (re)existimos concluindo o ano de 2016 com a realização de um planejamento para a continuidade das reuniões e atuações sem o apoio da prefeitura. Para continuarmos os encontros daquele coletivo de forma voluntária tivemos a colaboração de corações generosos e



preocupados com os “manejos contracoloniais”, como apresentado no título dessa dissertação.

Neste grupo inicial estavam:

- Babalorixá Professor Emmanuel Peixoto
- Mara Rúbia Novais
- Professor Alexandre Gilsogamo
- Professor Marcos Conceição
- Professora e Assistente Social Ivone Ferreira
- Professora Erika Brasil Figueiredo - Ominobyalá
- Professora Roberta Villa (encantada)
- Professora Rosilene Valério
- Professora Tânia Soares
- Yalorixá Professora Estelamar Monteiro (encantada)

Cito estes nomes porque foram os que tomaram a frente da articulação das atividades e continuaram o grupo com mais efetividade. Numa das reuniões registramos em ata e firmamos nosso compromisso em mantermos os encontros de forma não institucional.

Estava assim criado, em 2017, o grupo que que hoje tem o nome de

Coletivo Leste Negra

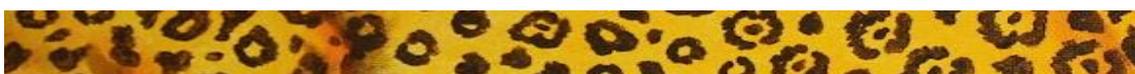
O relato de como foi a minha atuação junto ao *Coletivo Leste Negra* é tema do próximo capítulo porque tem profundas relações com o Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia - PPGER/UFSB - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - Campus Jorge Amado. Considero esta atuação como um dos frutos que PPGER/UFSB ajudou a adubar.



Fotografia 08: Membros do *Coletivo Leste Negra*.
Local: Sede da Associação *Zala* – Centro de São Miguel Paulista.
Acervo pessoal – Erika Brasil – Data: 28 abril de 2017

2.3. A FORMAÇÃO NO PPGER/UFSB AJUDANDO A ADUBAR MANEJOS E BROTAR FRUTOS EDUCACIONAIS

Iniciei o meu curso no PPGER/UFSB em março de 2021 tendo como perspectiva justamente tratar dessas intervenções, manejos, no sentido do uso de fontes de energias simbióticas que garantem o respeito à integridade e doação de sabedorias únicas em suas individualidades para o bem viver da coletividade, dentro das relações educacionais realizadas na zona leste paulistana, especificamente no território ancestral de Ururay onde o Coletivo Leste Negra e seus integrantes mais atuam. Já a escolha por ser orientanda do Professor Casé Angatu foi orgânica, primeiro por ser indígena e poder contribuir com o aprofundamento dos estudos das culturas dos povos originários, segundo



por já ter sido morador da Zona Leste da cidade de São Paulo e um estudioso da presença indígena em toda a cidade pelo âmbito histórico e em terceiro por já acompanhar suas escritas e trabalhos desde que me foi apresentado em um dos encontros de nosso coletivo, logo no início de nossa existência enquanto grupo independente.

Buscava também qualificar ainda mais minha atuação com a formação que teria ao cursar os Componentes Curriculares do PPGER/UFSB. Certamente foi o que ocorreu a partir das variadas e qualificadas contribuições oferecidas pelas/pelos educadoras/educadores do Programa.

Os Componentes Curriculares cursados foram:

- Políticas Públicas e Relações Raciais: Dr. Milton Ferreira da Silva Junior
- Imperialismos e Descolonizações: Dr. Rafael Petry Trapp
- Historiografia da População Afro-Indígena No Sul da Bahia: Dr. Casé Angatu
- Estágio/Residência: Dra. Eliana Povoas Pereira Estrela Brito
- Tópicos Especiais: Decolonialidade Estética e Subjetividades Diaspóricas: Dra. Alessandra Mello Simoes Paiva
- Fundamentos dos Processos de Ensino-Aprendizagem nas Relações Étnico-Raciais: Dr. Paulo De Tassio Borges da Silva
- Orientação e Práticas de Pesquisa: Dr. Casé Angatu

Porém, assinalo que o curso foi todo realizado à distância por causa do período pandêmico que ocorreu na mesma ocasião. Mesmo assim, destaco que as/os educadoras/educadores acima citados superaram essa barreira pela qualidade e conteúdo de suas aulas e todas indicações de leituras e estudos que certamente estão aqui presentes.

2.4. OS FRUTOS PEDAGÓGICOS

Como assinalei no tópico anterior considero que as sementes dos *Frutos Educacionais* já estavam plantadas antes mesmo de realizar meu curso junto ao PPGER/UFSB. No entanto, a formação realizada potencializou muito mais o que protagonizava como educadora na periferia em que atuo, principalmente porque não o faço sozinha, todos os trabalhos aqui apresentados são semeados e colhidos com outras pessoas que me permitem participar da semeadura e da colheita. Por isto, considero que são *Frutos Pedagógicos* desta relação:

I – A totalidade desta dissertação que foi pensada, realizada e escrita tendo como base a formação concretizada no PPGER/UFSB. Desejo que a leitura deste trabalho potencialize as já existentes práticas educacionais contracoloniais nos territórios das periferias paulistanas e em outras quebradas.²⁹ Do mesmo modo, quero muito que este relato inspire novos fazeres nas áreas da cidade que são abandonadas pelos poderes públicos.

II – A atuação que passei a ter junto ao *Coletivo Leste Negra* após a formação oficial de um programa pensado para o ensino e aprendizagem de relações étnico-raciais. Por isto que na sequência apresento como coletiva e contracolonial a forma como coorganizei/coorganizo e atuei/atuo no *Coletivo* em questão.

III – O *Curso de Extensão* que construímos junto ao Instituto Federal São Paulo (IFSP) no Campus Avançado de São Miguel e intitulado: *Histórias e Culturas das Populações Indígenas e Negras do Brasil*.

III – Por fim, meus fazeres cotidianos como educadora junto às Escolas Públicas Municipais, atravessados pelos saberes advindos do curso, durante e após o PPGER/UFSB. Nesta direção, assinalo as práticas contracoloniais que busco embasar a aplicação de jogos educacionais como o *Jogo da Onça* e todas as brincadeiras ligadas ao *Programa Jogos de Tabuleiros*.

²⁹ Quebrada é a forma como muitos de nós moradores das periferias paulistanas denominamos os lugares onde moramos e vivemos.

III – FRUTOS (“PRODUTOS”) EDUCACIONAIS

A ATUAÇÃO NO E DO COLETIVO LESTE NEGRA – UM DOS
“IRROMPERES DA SOCIEDADE DESCOLONIZADA”



3.1. (RE)EXISTIRMOS, Á QUE SERÁ QUE SE DESTINA?

Inicio este capítulo decepcionada com os resultados das últimas eleições desde 2016, mas ao mesmo tempo repleta de esperança porque a (re)existência e resistência existem e persistem. Vale lembrar que depois do último prefeito progressista da Cidade de São Paulo, (Fernando Haddad – PT: 01 jan. 2013 - 01 jan. 2017), o município passou a ser administrado por pessoas reacionárias que se somaram ao governo do estado de direita e à presidência da república da extrema direita: Bolsonaro, de 01 de janeiro de 2019 até 31 de dezembro de 2022. Os prefeitos desse período de quase 08 anos de conservadorismo, repressão e autoritarismo na capital paulista foram:

- João Doria: 01 de janeiro de 2017 até 06 de abril de 2018;
- Bruno Covas: 06 de abril de 2018 até 16 de maio de 2021;
- Ricardo Nunes: 16 de maio 2021 até hoje.

Faço questão de apresentar os nomes desses autoritários mandatários e agressores da educação paulistana para que fiquem gravados na memória daqueles que lerem este trabalho. Por isto, também, esta dissertação é um Fruto Educacional. Assim, iniciamos 2017 por um lado sofrendo a repressão e autoritarismo do poder público municipal, estadual e federal. Porém, como comecei a narrar no capítulo anterior, ao mesmo tempo não deixamos de resistir, (re)existir e enfrentar essa etapa neoliberal e autoritária iniciada pela gestão Dória. Um período que ainda, neste momento em que escrevo, continua com o atual prefeito Ricardo Nunes, e que esperamos novos direcionamentos nas eleições municipais, assim como fizemos com o presidente fascista no ano passado.

Aliás, com o autoritarismo no poder, soubemos nos organizar em nossa área, a educação popular, antirracista e contracolonial. Digo isto porque nos tornamos autonomistas em nossas ações e o surgimento de um coletivo como o *Leste Negra* e suas parcerias comprovam que a Educação antirracista é uma

necessidade urgente rumo aos caminhos democráticos que possam transformar nosso território, nossa cidade, estado e país.

Como nos traz a grande pensadora e escritora mineira, Conceição Evaristo, em seu livro *Olhos D'Água*, e passou a ser lema dos movimentos negros e progressistas:

“Eles Combinaram de Nos Matar,
Nós Combinamos de Não Morrer”

Nosso *Coletivo* sem ter mais espaços institucionais para suas reuniões, continuou realizando seus encontros mensais de forma autônoma na *Associação Esportiva e Cultural 100 Zala*, localizada no bairro de Cidade Nova, em São Miguel Paulista.



Desta maneira, nos fortalecemos mais ainda como militantes e pensadores de forma “ubuntu” - “eu sou porque nós somos!”. Como escreve em seus textos o Prof. Casé Angatu, a história do Brasil é acima de tudo a História da (Re)Existência dos Povos Indígenas, Populações Negras e Despossuídas de riquezas econômicas.

[...] vários Povos Indígenas em processos diferenciados de subjetivações protagonizaram/protagonizam séculos de (re)existências e resistências. Mesmo quando algumas dessas etnias foram consideradas dizimadas elas (re)existiram e resistiram, tais como os Povos: Tupinambá, Murá, Guató, Charrua, entre outros (Angatu, 2021, p. 15).

Acredito mesmo que a atuação do *Coletivo Leste Negra* é uma das inspirações, acima de tudo, espiritual advinda dos Povos Originários e da População Negra. Ou seja, em nosso caso, como pessoas educadoras, fizemos e fazemos (re)existência que fortalece nossa resistência contra gestões conservadoras e repressoras.

O território 🏡 *Zala* tornou-se para nós do *Coletivo Leste Negra* uma Aldeia autônoma, é de fato um Quilombo Urbano. A *Associação Esportiva e Cultural* 🏡 *Zala* gentilmente, e como irmandade de luta, nos cedeu e continua cedendo seu espaço para nossas atividades. Alguns de nossos materiais de divulgação expressam nossa indignação quanto ao desvio do verdadeiro sentido de democracia. Vivemos em estado pleno democrático? Ou estamos ainda buscando os primeiros passos para alcançá-la? Acredito que a dura realidade da periferia não nos coloca uma dimensão concreta de democracia plena.



Boa parte de nossos encontros são presenciais, exceto quando vivenciamos o período pandêmico. Logo no início o grupo cresceu, além das pessoas anteriormente citadas, foram chegando educadoras/educadores comprometidas com a luta por direitos, reforçando a necessidade de um trabalho de pesquisa e formação.

Somaram-se ao *Coletivo Leste Negra* as companheiras e companheiros de lutas educacionais: Ivone Ferreira, Rosemary Sampaio, Sheila Alice (encantada), Cláudia Fernandes, Maurício Melo, Sidney Paixão (encantado), Renata Gonçalves, Sheila Gomes, Ângela Figueiredo, Pérola do Amaral Deperon, Solange Oliveira Ferreira, entre outros participantes, totalizando hoje mais de duzentas pessoas.

3.2. VOLUNTÁRIA E AUTÔNOMA

No Coletivo Leste Negra o trabalho é voluntário e acima de tudo militante. Em nossas reuniões tratamos de assuntos pertinentes ao combate ao racismo, diferentes formas de violências contra mulher, lgbtqfobia, homofobia, transfobia, xenofobia contra imigrantes, xenofobia contra a população nordestina, autoritarismo da gestão pública em relação às escolas e outras tantas formas de agressão às populações minorizadas diante do poder e privilégios da elite e da branquitude. Ou seja, debatemos e praticamos ações que colaborem com uma educação inclusiva. Assim somos necessariamente contra o conservadorismo violento da direita e extrema-direita brasileira.

Realizamos ações de estudos para fortalecer a aplicação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Acreditamos que essas duas leis deveriam ser aplicadas de forma freiriana e contracolonial. Isto é, a partir da construção de conhecimentos advindos dos saberes e vivências das pessoas do território. Uma construção de conhecimentos demonstrando e se contrapondo às imposições psicossociais estabelecidas desde a colônia – a chamada colonialidade.

Como tão bem analisa Frantz Fanon em *Os condenados da terra* (2002):

[...] o colono e o colonizado são velhos conhecidos. Essa abordagem do mundo colonial, do seu arranjo, da sua disposição geográfica, vai nos permitir delimitar as arestas a partir das quais se reorganiza a sociedade descolonizada. O mundo colonial é um mundo cortado em dois. A violência que presidiu ao arranjo do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas, demoliu sem restrições os sistemas de referências da economia, os modos de aparência, da indumentária, serão reivindicada e assumida pelo colonizado no momento em que, decidindo ser a história em atos, a massa colonizada irrompe nas cidades proibidas.

(Fanon, 2002, p. 56-57)

Assim é que sinto minha atuação junto ao *Coletivo Leste Negra* e como educadora. Busco, como ensina Fanon, potencializar a delimitação das “arestas, a partir das quais” reorganizaremos “a sociedade descolonizada” para que “a massa colonizada irrompa nas cidades proibidas”.

O *Coletivo* tem um grupo de whatsapp com todos os participantes sendo administradores. Neste local virtual aparecem dicas de cursos, indicações de vídeos, replicação de postagens pertinentes aos assuntos que estudamos e de interesse coletivo. São publicados alguns textos formativos, referências de livros, divulgação de nossas atividades presenciais ou virtuais. Na rede estabelecida pelas/pelos educadoras/educadores trocamos inúmeras ponderações partindo de nossas conversas, debates políticos e em alguns momentos existem discussões calorosas que se ajustam com diálogos e mediações lideradas principalmente pelos mais antigos no convívio coletivo. Além do “grupão”, como chamamos esse espaço com mais participações, temos outro grupo de organização, contando com vinte e duas pessoas. Vale salientar que este grupo menor não é de comando, mas de pessoas que desejam trabalhar para o funcionamento do Coletivo, pensando em estratégias e parcerias para realizar atividades e construir agenda dos encontros mensais. Conversamos também sobre a divisão de trabalhos, participações em marchas e manifestações pela cidade de São Paulo.

Ou seja, preenchemos assim as lacunas deixadas pela ausência do poder público através de estudos, formações e ações. De certa forma, nossa atuação tem uma maior abrangência se pensarmos nos limites administrativos que são

impostos pelo poder público. Por exemplo, atingimos pessoas que não necessariamente atuam na Educação.

A título de demonstração, uma das atividades que atingiram mais amplamente a comunidade, aconteceu em 2019, numa parceria do *Coletivo Leste Negra* com o Instituto Federal São Paulo (IFSP) – Campus Avançado de São Miguel Paulista. O professor de Sociologia Leonardo Alves da Cunha Carvalho, do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – NEABI, daquele Instituto, nos convidou para (co)coordenarmos o *Curso de Extensão: História e Culturas das Populações Negras e Indígenas do Brasil*.³⁰

O *Coletivo Leste Negra*, além da (co)coordenação, realizou o planejamento e administrou o Curso. Em 2022 realizamos a segunda versão desta parceria. Nessa outra versão, ao invés do encontro ser mensal, a proposta foi realizar dezesseis dias de formação semanais, todas as terças-feiras.

No entanto, o relato de como foi a nossa atuação nesta segunda versão, é tema do próximo capítulo, porque em 2022 já estava cursando o Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - Campus Jorge Amado e minha atuação, como já escrito, é um dos frutos adubados pelo currículo e passou a ser também objeto do estágio e residência cursado por mim, com orientação da Professora Doutora Eliana Póvoas.

³⁰ “O Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas –NEABI é composto por servidores e estudantes do Instituto Federal São Paulo (IFSP) e tem por objetivo a promoção de estudos e ações sobre a temática das relações étnico-raciais na instituição educacional, fundamentadas nas Leis Nº 10.639/2003 e 11.645/2008 [...]” (IFSP, 31 mai 2023)

IV – FRUTOS (“PRODUTOS”) EDUCACIONAIS

O CURSO DE EXTENSÃO HISTÓRIAS E CULTURAS DAS
POPULAÇÕES NEGRAS E INDÍGENAS NO BRASIL JUNTO AO
IFSP NO BAIRRO DE SÃO MIGUEL PAULISTA

PARCERIA:



**CURSO DE EXTENSÃO
HISTÓRIAS E CULTURAS DAS
POPULAÇÕES NEGRAS E
INDÍGENAS**

às 19h

2022

**IFSP
Rua Ten. Miguel Délia, 105
São Miguel Paulista**

4.1. UM CURSO DE MUITAS VOZES E SABERES

Retorno neste capítulo à narrativa sobre minha segunda experiência como parte do *Coletivo Leste Negra* na co-organização e atuação como professora do *Curso de Extensão - História e Culturas das Populações Negras e Indígenas*. Lembro que nossos fazeres em relação ao Curso ocorreram em parceria com Instituto Federal São Paulo, IFSP, do Campus Avançado São Miguel Paulista, através de convite do Professor Leonardo Alves. Foram dezesseis dias a partir de março de 2022.

O público do Curso deixou de ser somente de professores, como a maioria dos participantes da primeira versão, e se estendeu a toda comunidade interna e externa ao Instituto. Participaram então advogados, atendente de farmácia, comerciantes, cabeleireira, adolescentes do ensino médio, representantes da Pastoral Afro da Diocese do falecido Padre Ticão e educadores da região.

Nessa segunda versão do Curso, alguns nomes convidados em 2019 se somaram a outros, tanto na coorganização como na atuação como professores. Entre esses nomes a Professora Ivone Ferreira, Professora Coordenadora Renata Gonçalves, Professora Rosângela Mota, Professora e Coordenadora Marta Machado, Professor Leonardo Alves do próprio Instituto e eu.

A abertura ocorreu no dia vinte e três de março de 2022. Na semana seguinte estudamos sobre “Racismo, eugenia e pensamento conservador no Brasil” com o Professor Weber Lopes Góes, escritor do livro com o mesmo nome de sua intervenção. O Prof. Weber é bacharel e licenciado em História e especialista em Ciências Sociais pelo Centro Universitário Fundação Santo André, CUFSA, Mestre em Ciências Sociais pela UNESP/Marília e Doutor em Ciências Humanas e Sociais UFABC, membro do Centro de Estudos Periféricos, CEP, da Universidade Federal de São Paulo.

Logo na primeira semana de abril adentramos em alguns escritos do Professor Dennis de Oliveira e o recebemos no dia treze com a palestra: “A Democracia não chegou na Periferia”. Depois de sua participação adotamos a



frase para o slogan do *Coletivo Leste Negra*. O Professor Dennis de Oliveira é livre-docente em Jornalismo, Informação e Sociedade pela ECA/USP. Fez mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo onde atualmente é professor de dedicação integral e coordenador do Centro de Estudos Latino-Americanos de Cultura e Comunicação. Também faz parte do grupo União dos Amigos da Capela dos Aflitos, dentre outras atividades como militante das causas dos movimentos negros da cidade de São Paulo.

“Educação Antirracista e o uso de tecnologias” foi o tema da Professora Caroline Jango, Diretora Geral do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo em Hortolândia, interior do estado. Com ela discutimos sobre racismo ambiental, as diferentes frentes do Afrofuturismo e foi uma descoberta incrível dentro das possibilidades que sua pesquisa tem em relação a Ciência e Tecnologia que temos também dentro das Culturas Indígenas. Caroline fez mestrado e doutorado em Educação pela UNICAMP, autora do livro “Aqui tem Racismo!” sobre as representações sociais e de identidades das crianças negras nas escolas. Quando estive no curso de extensão era coordenadora do Projeto AFROIF, que trabalha currículo, formação dos docentes e divulga o pensamento decolonial e estudos sobre a lei 11.645/08 através do Programa Institucional de Ensino, Pesquisa e Extensão em Direitos Humanos, Relações Étnico-raciais e Gênero do IFSP. Além de compor outras comissões e grupos de pesquisas relacionados ao tema.

Nossa quarta convidada foi uma parceira do *Coletivo Leste Negra*, Tamires Sampaio. Ela tratou do tema “Segurança pública, direitos humanos e questão racial”. Tamires já havia participado de outros encontros conosco, desta vez foi falar sobre o livro “Código Oculto – Política Criminal, Processo de Racialização e Obstáculos à Cidadania da População Negra no Brasil”, indo complementar o que havíamos estudado com os professores Weber Goés e Dennis de Oliveira. Na época ela estava como secretária adjunta de Segurança Cidadã de Diadema - SP. Tamires fez o mestrado em direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo através do ProUni – Programa Universidade para todos, e sempre defendeu o programa de bolsa de estudos como boa política pública para quebrar a distância das





desigualdades sociais. Hoje é Assessora Especial do Ministro da Justiça e Segurança Pública do Brasil, Flávio Dino, e Coordenadora do PRONASCI.

Usamos os intervalos entre as palestras para estudos de textos recomendados e em quatro de maio/2022 tivemos um repeteço com a fala de Ramatis Jacino. Foi uma aula diferente porque ele estava em Portugal terminando alguns estudos e deu sua aula por uma chamada de vídeo. O tema abordado foi “Economia e Questão Racial”. Ramatis Jacino nos empolgou quando fez a proposta para que o *Coletivo Leste Negra* começasse a ajudá-lo com projetos de auxílio de fomento para adolescentes e jovens adultos da periferia em pesquisas.

Em seguida eu e o professor Leonardo seguimos com nossa fala sobre culturas indígenas com ênfase nas populações indígenas em áreas urbanas, sendo que na semana seguinte recebemos Vanusa Kaimbé, para um relato de sua experiência como enfermeira durante o combate ao vírus do covid-19 dentro da Aldeia Multiétnica Filhos Dessa Terra, no município vizinho ao Leste de São Paulo, Guarulhos. Ela é uma das lideranças femininas entre indígenas que moram na cidade de São Paulo e arredores.

Depois disso passamos para um período de estudos específicos sobre a Educação. Recebemos o Professor Alexandre Gilsogamo, co-fundador do *Coletivo Leste Negra*. Na época ele estava recém titulado doutor e nos trouxe parte de sua pesquisa com o tema “Paulo Freire e Educação Antirracista”. Ele é formado em Matemática, tem mestrado em Filosofia pela USP e doutorado em Educação pela mesma instituição.

Duas semanas depois tivemos a presença da Professora Márcia Campos Eurico, com “Antirracismo na Educação Infantil”, escritora do livro “Racismo na Infância”. A professora nos colocou os agravantes do que acontece dentro da Educação com relação à população negra no Brasil, uma verdadeira tragédia que chamamos de “racismo estrutural”. Ela salientou que a estrutura racista não poupa nem mesmo os mais frágeis, no sentido de autodefesa, as crianças na primeira infância.



Antes de finalizarmos o Curso, tive minha intervenção denominada “Ominayê – Todas as Águas do Mundo”. Mas dela trato no tópico que vem na sequência.

Por último, estudamos sobre as resistências dos movimentos negros de antes e da atualidade. Tivemos a honra das presenças de José Adão, do Movimento Negro Unificado, MNU, e Djalma Conselheiro, para falarem das necessidades, desde sempre em nossa História, de coletivos e grupos de luta contra os racismos de todos os lugares. Depois Adão e Djalma falaram como o MNU foi criado e a importância de cada integrante para nosso coletivo. Por último disseram da necessidade de nos articularmos politicamente como forma de encontrarmos uma “democracia verdadeira”. Disseram que sem combate ao racismo não há democracia.

4.2. OMINAYÊ – TODAS AS ÁGUAS DO MUNDO

Quando a coordenação do IFSP nos chamou pela primeira vez, tinha como objetivo convidar a comunidade para fazer parte do planejamento e execução do curso. Uma das propostas, era que falássemos sobre religiosidades de matrizes africanas, abordadas de forma pouco aprofundada em outras versões, pois sempre esbarravam nas várias concepções preconceituosas disseminadas pelo racismo estrutural e racismo religioso.

Sobre a temática das religiosidades preparei uma intervenção que denominei *Ominayê – Todas as Águas do Mundo*, sendo o título a própria tradução da palavra em iorubá fazendo referência aos domínios de Oxum, como já explicado anteriormente.

Nos dias da ação iniciei ponderando sobre a necessidade de reconhecermos a diversidade da fé no território brasileiro. Ressaltei também as denúncias sobre racismo religioso muito presente no Brasil. Isto é, as perseguições e violências contra as/os filhas/filhos de santo. Como bem analisa o Babalorixá Professor Sidnei Barreto Nogueira:

[...] o que se vive hoje no Brasil extrapolou todos os limites da civilidade, da humanidade, da dignidade humana. É preciso que voltemos para o centro da encruzilhada ou viveremos angustiados por escolhas desumanizantes e mortais. [...] Um conjunto de fracassos tem matado não só vidas pretas, como também valores civilizatórios. (Nogueira, 2020).

Partindo do culto a Oxun, contei sobre a cidade de Osogbo, localizada na Nigéria. Mostrei registros da festa anual à beira do Rio Oxun no estado de mesmo nome. Apresentei uma lista de mais de cinquenta denominações para cultos afro-indígenas conhecidos em território brasileiro. A intenção foi refletir sobre o estereótipo de chamarem como macumba todo tipo de prática das religiosidades de matrizes africanas. Para aprofundar nossa conversa tivemos uma oficina de acarajé com a cantora do Ilú Obá de Min, sambadeira e *Makota Nega Duda*³¹. Como uma das ações externas, visitamos o Museu Afro Brasil de São Paulo e participamos de um Olubajé, o banquete do Rei Obaluyê, na casa de axé de Xangô do Babalorixá Professor Sidney Nogueira, Crias – Comunidade da Compreensão e da Restauração do Ilê Asé Sangô.

Quando pensei e organizei a sistematização para apresentar as religiosidades de matrizes africanas num curso institucional, dei ênfase à Yabá Oxum, por ela ser água e água está em tudo. É assim que cada Orixá se conecta com essa divindade, na necessidade de tê-la para receber as sementes, para o crescimento dos frutos e para o preparo dos alimentos. Nossos eventos sociais acontecem em torno das comidas, e é uma herança ancestral valorizada nas tradições de terreiro. Nossas rezas e comunicações com as divindades são conectadas através de vários ritos e entre eles o ato de comer é um dos mais importantes. A valorização da partilha em torno das colheitas é como verdadeiro presente da Mãe Terra. Foi nesta versão que, a cada encontro, levei uma comida

³¹ *Makota* é uma referência materna dentro do Candomblé de Angola que equivale a Ekedji no candomblé de Ketú. *Nega Duda* é referência do Samba de Roda em São Paulo. Baiana de São Francisco do Conde, morou na capital paulista por mais de vinte anos e aqui fez carreira artística como cantora e intérprete do cancioneiro popular, das músicas de Clementina de Jesus e Carolina Maria de Jesus. Foi coordenadora do naipe Vozes do Ilú e criadora do grupo Samba de Roda de Nega Duda. Mais informações nas redes sociais: @sambaderodanegaduda. Suas músicas estão disponíveis nos streamings populares.

de cada Orixá para o café coletivo, seguindo a ordem litúrgica e cíclica de Exú a Oxalá, antecedida pelos encantados, no caso, os Caboclos.

Apresento a seguir as comidas oferecidas a cada dia e seus Orixás correspondentes:

Guacamole, (abacates), para os Caboclos

Farofa para Exu

Bolinhos de feijoada para Ogum

Milhos cozidos para Oxóssi

Caldo com couve para Ossãi

Quiabo para Xangô

Acarajés para Iansã

Paçoca para Obá

Pipocas para Obaluaiê

Doces para Ibeji

Quindim para Oxum

Torta de espinafre para Nanã

Manjar para Iemanjá

Canjica de Oxalá.

Assim fui construindo contracolonialmente, junto com todos, a presença dos Orixás que estão em tudo que conhecemos. Apresentando um dos argumentos para quebrar os medos e superstições racistas e preconceituosas.

Tivemos dois dias de oficina do *Jogo Mancala Awelê*, que faz parte do *Programa Jogos de Tabuleiro* da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, junto com o *Jogo da Onça*, *Jogo Go* e o *Xadrez*. Estudamos princípios da

étnico-matemática africana. Uma forma de conhecer e entender a matemática de outras culturas que não tem como base os princípios hindu-arábicos que aprendemos convencionalmente nas escolas. Quem nos trouxe a sabedoria da matemática através do Mancala Awelê e dos mantos africanos, foi a Professora Maria Conceição França que é uma pesquisadora sobre os tecidos africanos. Segundo ela, a utilização desses mantos é para amparo dos tabuleiros de madeira do Mancala, representando a terra e cumprindo com as características imateriais de representatividade dos atos de sementeira e colheitas.

Primeiro a Profa. Maria Conceição nos passou o conceito e a história dos mantos africanos que, segundo ela e Alexandre Cesar Gilsogamo Gomes, na Introdução do livro *Mancala Awelê, Coleção Jogos de Tabuleiro da SME/SP*:

[...] surgem para identificar uma dada sociedade ou como forma de respeito ao ato de jogar, uma vez que nossos antepassados africanos já o praticavam há milênios, (SME/SP, 2020)³²

Na segunda noite a Profa. Maria Conceição nos ensinou as regras e jogamos o Mankala Awelé.

Na sequência desse Curso que ajudei a co-organizar, tivemos algumas palestras, entre elas, *Desigualdade Racial no Brasil*, com o Professor e Escritor Ramatis Jacino; *Ações Afirmativas Negras*, com Elidy Moreira - da Cria Criola e Ana Claudia Silva - da Afra Design; ponderamos com o Professor Alexandre Gilsogamo acerca da necropolítica; Tamires Sampaio, falou sobre ações contra o racismo; o Professor Denis de Oliveira dialogou acerca do racismo estrutural.

No transcorrer do curso tivemos também uma aula com o Professor Fábio Donizete Bueno, do Instituto Federal São Paulo, sobre Slam e os Saraus que ocorrem nas periferias paulistanas. O Slam é uma batalha de poesia introduzida no território da Zona Leste de São Paulo pela cultura Hip Hop, mais especificamente iniciada em Itaquera e Cidade Tiradentes. Durante o Slam a poesia é falada e não cantada. Para nós, na nossa atividade, o Slam chegou pelas falas dos integrantes do Slam da Guilhermina, Emerson Alcalde, Cristina Assunção, Uilian Chapéu e Rodrigo Motta. Eles realizam encontros mensais nos

³² A Profa. Maria Conceição França e Prof. Alexandre Gilsogamo são membros do Coletivo Leste Negra.



arredores da estação de metrô Guilhermina-Esperança. Hoje o Slam da Guilhermina adentra as escolas e temos uma competição de poesias autorais entre os estudantes através do Slam Estudantil.

Tivemos dois momentos específicos sobre os Povos Indígenas. Um deles foi com o Professor Emerson Guarani, que conversou sobre as etnias indígenas no estado de São Paulo e em nossa cidade. Também dividi uma noite de formação com o Professor Leonardo Alves, do IFSP, para falarmos das culturas indígenas sob um olhar sociocultural e histórico. Nos intervalos de algumas aulas ensinei alguns participantes a jogarem o Jogo da Onça.

Essa experiência educacional junto ao Instituto Federal São Paulo do Campus Avançado de São Miguel Paulista é um dos *Frutos Educacionais* foi uma atuação construída coletivamente. Sendo parte do Coletivo Leste Negra, nossas vivências trouxeram força e integração para quem se envolveu com essa primeira experiência que foi repetida em 2022, assim como já relatado anteriormente. Das experiências que construímos, narradas até aqui, outros fazeres serão certamente realizados.



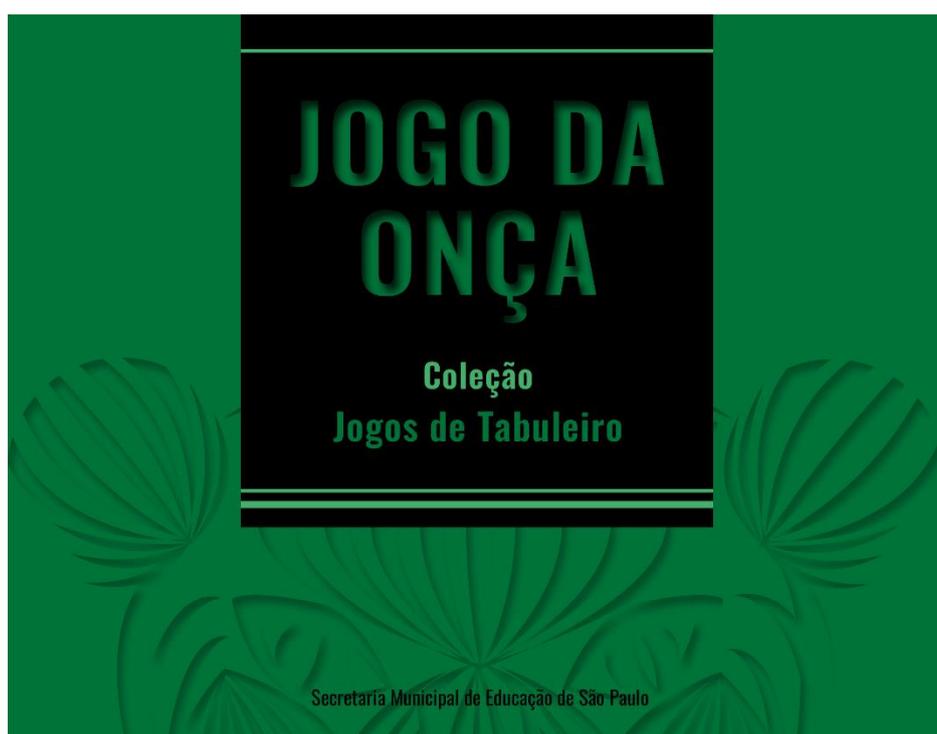
V – FRUTOS (“PRODUTOS”) EDUCACIONAIS

JOGO DA ONÇA E OUTROS MANEJOS EDUCACIONAIS CONTRACOLONIAIS EM SÃO MIGUEL PAULISTA



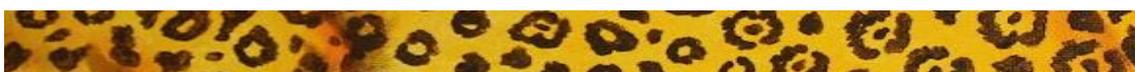
5.1. O MEU ENCONTRO COM O JOGO DA ONÇA

Como escrevi anteriormente, em 2015 fui eleita, pelo Conselho de Escola, para a função de Professora Orientadora da Sala de Leitura na EMEF Prof^a Izabel Aparecida Cristovão da Luz, onde fiquei até 2018, simultaneamente, em 2016, fui participar da equipe do *Jogo da Onça e outras Brincadeiras Indígenas*, vinculada à Diretoria Regional de Educação - São Miguel Paulista. Nesta mesma época, interagi com as formações do Núcleo de Educação Étnico-racial da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (NEER – SME/SP).



Fotografia 09: Capa do livro: Jogo da Onça. In: Coleção Jogos de Tabuleiro, v. 2. Fonte: São Paulo, 2020

Tudo contribuiu para o que chamo de terceira fase de pesquisa sobre as culturas indígenas. A primeira fase foi quando entrei na Rede Municipal de Educação de Itaquaquecetuba e fiz junto aos estudantes uma pesquisa sobre pinturas corporais e depois sobre moradias, ainda de forma amadora. A segunda fase foi quando comecei a fazer projetos com as crianças menores, já dentro da Rede Municipal de Educação de São Paulo, através das atividades dentro da Sala de Leitura. A terceira fase, propriamente, foi ao começar a fazer parte do





Programa Jogos de Tabuleiros e exercer a função de formadora dos docentes para o desenvolvimento de estudantes jogadores nas escolas, principalmente da Educação Infantil. A quarta fase, considero ser esta que finalizo com a dissertação do Mestrado e as pesquisas que fiz sobre o Adugo, fui conhecer outros movimentos em torno do Jogo da Onça fora da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – SME SP e as presenças indígenas na cidade de São Paulo, as quais destaco duas a seguir.

Estive no espetáculo *Reset Brasil*. A primeira parte sai da estação Brás, Companhia Paulista de Trem Metropolitana – CPTM, na região ancestral de Piratininga, sendo conduzida para São Miguel, região ancestral de Ururay. Na viagem de trem a peça inicia enaltecendo a oralidade e memórias do povo nordestino e indígenas, “desterritorializados” durante todo processo de colonialidade. A produção teatral é produto da pesquisa feita pelo *Coletivo Teatral Estopô Balaio* e traz provocações artísticas em que repensamos a História do Brasil quanto colonizados. “São Miguel Paulista é palco desta história, tanto porque é o bairro paulista com a maior concentração de nordestinos fora do Nordeste”, (<https://coletivoestopobalaio.com.br/reset-brasil>). Uma das cenas destaque do espetáculo de rua acontece num tabuleiro gigante do Jogo da Onça, pintado numa das ruas do Jardim Lapena, sobreposto em um tabuleiro de xadrez, contam sobre os primeiros conflitos entre os povos originários e invasores europeus. As palavras, junto de coreografias da dança popular Caboclinho, com suas flechas secas e sonoras, deixa em destaque a disputa territorial que enfrentamos até os dias de hoje.

O segundo destaque da finalização da pesquisa, foi a visita à exposição *Mymba’i – Pedindo Licença aos Espíritos – Dialogando com a Mata Atlântica*, que ocorreu no Museu dos Povos Indígenas de São Paulo, no bairro da Barra Funda. Lá encontrei um tabuleiro grande, com as peças do Jogo da Onça, no chão, (foto de capa dos vídeos citados no próximo capítulo). No teto havia figuras da fauna da Mata Atlântica com suas silhuetas em chamas do lado oposto e placas com figuras estilizadas de onças nas paredes. A instalação se referia ao jogo como *Ninmangwá Djagwareté – Brincadeira da Onça*. “Mymba’i, palavra sagrada em guarani, pode ser compreendida como um pedido de licença aos seres ancestrais e espíritos dos animais que cuidam de todos os seres das



florestas.” – Jaxuká Mirim (Irene Mendonça), Kitche-rã (Susilene Elias de Melo), Jaxuká Endy (Jacileide Martins) e Awa Djerowewedju (Elizeu Caetano).

Me removi para a EMEF Pedro Fukuyei Yamaguchi Ferreira, onde estou como Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Nesta escola exerci a função de POSL em 2019, logo após chegar na unidade, com uma quebra entre 2020 e 2021, retornando à Sala de Leitura em maio de 2022. Esta EMEF fica localizada no Jardim Planalto, região de São Miguel Paulista – periferia leste paulistana. Lugar onde trabalho atualmente.

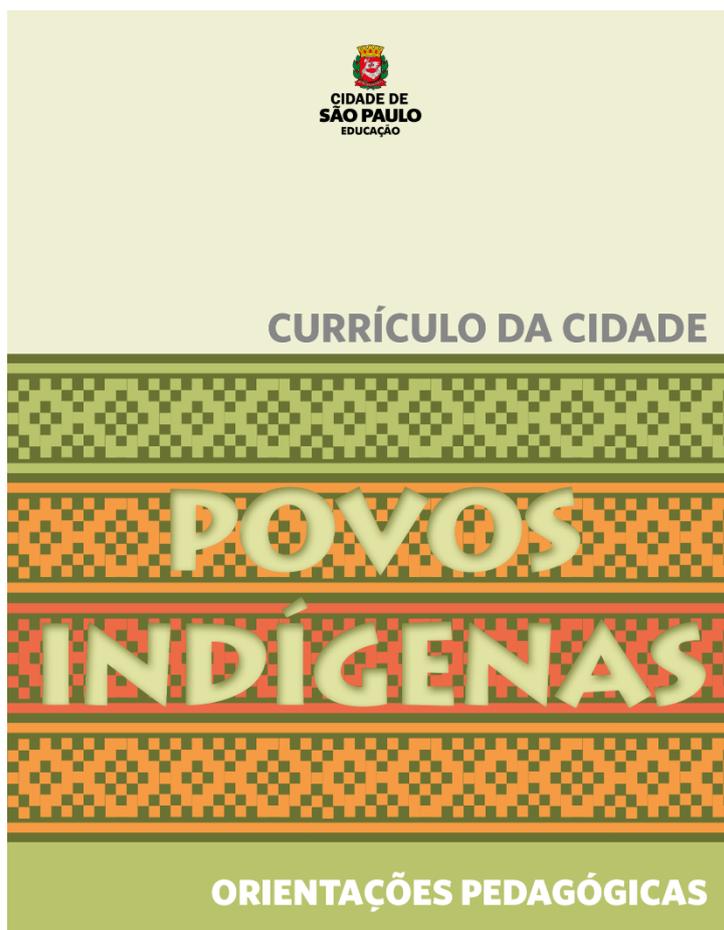


Fotografia 10: EMEF Pedro Fukuyei Yamaguchi Ferreira.
Fonte/Autoria: Erika Brasil. Ano: 2019

Particpei da equipe de escolha para compra do acervo de livros que seriam entregues em 2020 pela Secretaria de Educação do Município de São Paulo, representando a DRE MP, o que me fez apurar o olhar literário com relação aos livros com a temática étnico-racial. Ainda em 2019, a Secretaria Municipal de Educação da cidade lançou, através Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais, NEER, o *Currículo da Cidade – Povos Indígenas*



(2019), com texto e organização escrito por Daniel Munduruku e Cristino Wapichana.



Fotografia 11: Capa do livro: Currículo da cidade: Povos Indígenas - orientações pedagógicas.
Fonte: São Paulo, 2019.

O lançamento foi bem no fim daquele ano e mal deu para ser implementado antes que a situação pandêmica, iniciada em março de 2020, tomasse por completo todos os planejamentos educacionais. Foi então que, entre 2020 e 2021, pelas redes de comunicação, eu participei e acompanhei várias escolas do Território de São Miguel Paulista, Guaianazes e Itaquera.

No *Currículo da Cidade – Povos Indígenas* há indicações sobre o *Jogo da Onça* como ferramenta de aproximação às culturas indígenas e cumprimento da Lei 11.645/08. Antes mesmo de realizar o curso no PPGER, atendi cinco unidades escolares pelo *Coletivo Leste Negra* de forma virtual. Foi através deste trabalho voluntário que montei minha proposta para ser aceita na UFSB.

5.2. FALANDO SOBRE O JOGO DA ONÇA

Para melhor expressar algo que é da vivência oral e corporal, eu e meu orientador, decidimos apresentar neste momento, através de vídeo, como é minha atuação contracolonial em relação ao *Jogo Da Onça*, ou *Adugo* – (o mesmo que *Jogo da Onça* para os Boé ou Borôro). A forma como sinto e atuo ao



Fotografia 12: Lugar de sonhos, inspiração e energia. Fonte/Autoria: Erika Brasil. Ano: 2023.

apresentar e ensinar o jogo é, na minha compreensão, um caminho poético e de conexão com ancestralidades (re)existentes em meu ser educador.

Este vídeo foi dividido em sete partes por causa de sua extensão. O enunciado a seguir, com os links de livre acesso, publicados como de domínio público no youtube através do *Canal: Tupixuara Moingobé Ñerena, são Frutos Educacionais* desta dissertação. Espero que colabore e inspire. Seguem na sequência as informações sobre o vídeo:

ERIKA BRASIL FIGUEIREDO - OMINOBYALA



Nome: Erika Brasil Figueiredo

Educadora na Periferia Leste da Cidade de São Paulo – São Miguel Paulista

Data da Oralidade: 29 ago. 2023.

Local da Oralidade: São Miguel Paulista

Canal no Youtube: Casé Angatu - Tupixuara Moingobé Ñerena.

Links:

I Parte: <https://youtu.be/zi4KxDs-yGw>

II Parte: <https://youtu.be/pSpckd9Zks4>

III Parte: https://youtu.be/r1yU_IPjTWc

IV Parte: <https://youtu.be/J32sZybEnPU>

V Parte: https://youtu.be/EMF_K52vSRo

VI Parte: https://youtu.be/mEb0P4_N56U

VII Parte: https://youtu.be/Qbn4F_ul9x4

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:
A VIDA É CÍCLICA E ESPIRALADA**





Busquei nesta dissertação apresentar alguns dos caminhos sempre entrelaçados que constituem o percurso que procuro percorrer na busca de uma atuação na educação de forma contracolonial e antirracista. Como assinalei na parte do *Memorial* que apresentei aqui: penso mesmo que a “vida é cíclica e espiralada”. Por isto a busca por nossas memórias ancestrais é fundamental para construirmos identidades de forma autônoma.

Reconhecer a ancestralidade possibilita também sermos protagonistas no enfrentamento ao etnocídio e genocídio que muitos de nós sofremos. Atuar e viver como educadora numa das maiores periferias urbanas da cidade de São Paulo, São Miguel Paulista, em si, é um exercício contínuo de resistência e (re)existência. Por isto quando atuamos coletivamente sentimos que somos fortes e capazes de realizarmos enfrentamentos às constantes violações que sofrem as populações periféricas. Neste sentido, tenho aprendido muito, e sempre, com os movimentos populares, em especial com o *Coletivo Leste Negra*.

Assinalo que foi/sou/serei educadora antes/durante/depois do mestrado. Continuei lecionando durante os estudos aqui apresentados, bem como atuando junto às lutas que participo com meu Povo. Por isto tenho o compromisso coletivo de tornar este trabalho mais uma flecha no arco da luta pelos direitos das populações das periferias urbanas, indígenas e negras. Da mesma forma, um compromisso que advém das memórias daqueles que ancestralizaram ao encantarem, como tantos que citei durante a escrita.

Eu comecei essa história falando do mito Maraguá de Yaguaraboya. Ela come carne dos felinos pintados mesmo sendo proibido ao seu povo, a cada vez que se lambuza com um naco sangrento do corpo de uma onça, passa a ter mais força, mais olfato, mais visão e uma agilidade descomunal. Fica difícil voltar atrás e recusar seus superpoderes. Seu desejo é estar naquela pele, mesmo que todos da aldeia virem as costas para o que ela se tornou. Para mim é a metáfora da vida de qualquer mulher que tenta ousar e acaba sendo transgressora das leis dos homens. Talvez seja simplesmente uma mulher que tenta sonhar e consegue.



Davi Kopenawa, em “A Queda do Céu”, diz que ele se prepara para o futuro sonhando, como no culto a Yabá Yewá, alguns a conhecem como Ewá, filha de Nanã, sabemos que adentrar aos cultos dos mistérios da vida requer um tanto de imaginação para o entendimento dos sonhos como comunicação com o invisível.

Yewá está em tudo que nos é mistério, ela está no invisível aos olhos, nas estradas escondidas pelas brumas ao amanhecer, nas profundezas dos rios aonde os humanos não chegam, no fundo do mar verde da Amazônia intocada, ela está no movimento regenerativo inconsciente de nosso corpo, no horizonte inalcançável, na cor branca do arco-íris. Yewá é irmã gêmea de Oxumarê³³, aquele que rege o transmutar de tudo.

Penso que unir Yewá e Oxumarê nas ações despretensiosas de regeneração da Educação é uma estratégia de sonho. Uma estratégia do esperar de Paulo Freire. É reprogramar o futuro como Davi Kopenawá nos instiga, pensando de forma menos moderna, menos capitalista, adentrando aos saberes antigos para que a Vida seja vivida de forma descomplicada, mais amorosamente. Saibamos escutar as onças que ainda habitam Ururay, caminhar as trilhas deixadas por elas e atravessar os rios sem medo. O povo do Coletivo Leste Negra, da “Terra dos Guerreiros Lagartos”, entende que não há vencedores, como no Adugo. Aprendamos a nos unir como a matilha, não para encurralar a Onça, mas para atravessarmos as trilhas que nos foram dadas como herança por ela. 🐾

³³ Ewá e Oxumarê são divindades tanto entre os iorubanos como para os das correntes do Daomé sendo ambos as duas metades de Dan que é representado por uma cobra que engole a própria cauda, dando o sentido de continuidade da vida e infinitude do Tempo.

BIBLIOGRAFIA



Fotografia 14: Banco Onça Mehinaku, de Eriná Mehinaku. Local: Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, PR. Autoria/Foto: Rafael Costa. Fonte/Acervo: Eriná Mehinaku. Data: 23 jun. 2023.

AGÊNCIA SENADO. Dia dos Povos Indígenas, em 19 de abril, substitui Dia do Índio após derrubada de veto. In: **Senado Notícias**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/07/11/dia-dos-povos-indigenas-em-19-de-abril-substitui-dia-do-indio-apos-derrubada-de-veto> Acesso em 11 jul. 2022

ANGATU, Casé. Decolonizar o conhecimento e o ensino para enfrentar os desafios na aplicação da lei 11.645/2008: por uma história e cultura indígena decolonial!. In: MATTAR, S; SUZUKI, C.; PINHEIRO, M. (Org.) **A lei 11.645/08 nas artes e na educação: perspectivas indígenas e afro-brasileiras**. São Paulo: ECA-USP, 2020. p.38 – 72.

_____. Tupixuara Moingobé Ñerana: autodeclaração indígena como retomada da indianidade e territórios. In: ANGATU, C; AGUILUZ-IBARGÜEN, M; BRAGA, C; e GUIMARÃES, R S (Org). **Dossiê: De/S/Colonização Estética: Saberes Tradicionais, Artes, Dissidências**. - **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá. UEM, 2021. p. 13-24.

_____. Já somos outros mundos possíveis, mas precisamos desarraigar o humano e o capital do centro do universo. In: TETTAMANZY, A. L. L., SANTOS, C. M. e MEDEIROS, V. L. C. **Letras e vozes dos Lugares**. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 108-126

AYRA TUPINAMBÁ, V. R. S. **Território e (Re)Existência na Educação Escolar indígena Tupinambá Decolonial: Colégio Estadual Indígena Tupinambá Amotara (Aldeia Itapuã - Olivença – Ilhéus/BA)**. Terra Indígenas Tupinambá de Olivença (Ilhéus/BA): Dissertação (Mestrado) orientada por Casé Angatu junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia, Itabuna, 2020.

_____ e Angatu, C. Povos Indígenas - Somos Um Mundo Onde Cabem Muitos Mundos: Îandê Iané Ara masuí Xukui Amó Ara (Lutas Indígenas, (Re)Existências e Resistências: Maramoñanga Ñerana Icobé). In: REIS, T. S. (Org.) **Lutas e Movimentos Sociais no Tempo Presente: historiografia, teoria e**

metodologia - volume 1. Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima (UFRR). 2022, pp. 176-210.

_____ e Angatu, C. Protagonismos Indígenas: (Re)Existências Indígenas e Indianidades. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci e ROSSI, Mirian Silva (Orgs.) **Índios no Brasil: Vida, Cultura e Morte.** São Paulo: IHF; LEER/USP; Intermeios: 2019, p. 23-4

BARRETO, João Paulo Lima. Waimahsã: peixes e humanos. In: **Coleção Reflexividades Indígenas.** Manaus: NEAI/EDUA, 2018.)

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. In: **Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr.** 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5szsvwMvGSVPkGnWc67BjtC/?format=pdf>.

Acesso em jan./abr. 2008.

_____. **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

_____; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. “Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil”. In: **Educação em Revista v.26, n. 01.** Belo Horizonte: UFMG, abr. 2010, pp. 15-40.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: O Caminhar como Prática Estética.** São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

COCCIA, Emanuele Coccia. **Metamorfoses.** São Paulo: Dante, 2020.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. El potencial epistemológico y teórico de la historia oral: de la lógica instrumental a la descolonización de la historia. In: **Revista Temas Sociales, IDIS/UMSA.** La Paz, n. 11, pp. 49-64, 1987.

_____. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.



_____. **Un mundo ch'ixi es posible**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. São Paulo: Pallas, 2014

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Edições Vértice, São Paulo, 1990.

IFSP, Instituto Federal São Paulo. **Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – Neabi**. São Paulo: IFSP, 31 mai 2023. Disponível em: <https://ifsp.edu.br/acoes-e-programas/9-reitoria/310-nucleo-de-estudos-afro-brasileiros-e-indigenas-neabi>. Acesso em 31 mai 2023.

INSTITUTO ILÊ ARÁ, Babalorixá Professor Sidnei Nogueira de Xangô. Epistemologia e Afrossentidos dos 16 Odu Principais por meio do Jogo de Búzios Nas CTTro: orientações e cosmovivências para uma vida em harmonia. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/453835826/Ementa-Curso-ILE-ARA-ODU-2020-pdf> . Acesso em 29 mar. 2020

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990

LIMA, Ellen. **Ixé Ygara Voltando Pra ' Y'kúá (Sou Canoa Voltando Pra Enseada Do Rio)**. Lisboa: Urutau Editora, 2021.

MÁRCIO DE JAGUN, Babalorixá. **Ori, a cabeça como divindade - História, Cultura, Filosofia e Religiosidade Africana**. Rio de Janeiro: Litteris, 2019

MATTAR, S; SUZUKI, C.; PINHEIRO, M. (Org.) **A lei 11.645/08 nas artes e na educação: perspectivas indígenas e afro-brasileiras**. São Paulo: ECA-USP, 2020. p.178 – 185

MONTEIRO, J. O Desafio da História Indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes; GRU-PIONI, L. D. B. (Org.). **A Temática Indígena na Escola - Novos**



Subsídios para Professores de 1º. e 2º. Graus. Brasília: UNESCO, 1995, p. 221-228.

_____. **Tupis, Tapuias e Historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo.** São Paulo Tese Apresentada para o Concurso de Livre Docência (Área de Etnologia, Subárea História Indígena e do Indigenismo – Antropologia) - UNICAMP, Campinas, 2001.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. Intolerância Religiosa. In: **Coleção Feminismos Plurais.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2020, p. 119 e 120.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP.** São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, 1993.

NOVINSKY. Anita. **Cristãos-novos na Bahia: A Inquisição.** São Paulo. Perspectiva, 1972.

MUNDURUKU, Daniel e WAPICHANA, Cristino. **Currículo da cidade: povos indígenas - orientações pedagógicas.** SP: Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica, 2019

OLIVEIRA, João Pacheco de. Pardos, mestiços ou caboclos: os índios nos censos nacionais no Brasil (1872-1980). In: **Horizontes Antropológicos.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/fh9cpRfmbxt4QNkmvnZyffg/#> . Acesso em 20 nov. 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 136 a 141

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 5, n. 10, 1992, p. 200- 204.

RIOONWATCHTV. “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”: Um mundo antirracista é possível? In: **RioOnWatchTV.** Disponível em:



<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=W7vyrASoLwg>. Acesso em 9 de set. de 2021.

SME/SP, Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo. **Mancala Awelé, Coleção Jogos de Tabuleiro da SME**. São Paulo, SME/SP, 2020. Disponível em <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/jogos-de-tabuleiro-mancala-awele/> 2020

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VILLA, Roberta. A lei 11.645: que índio é esse? In: MATTAR, S; SUZUKI, C.; PINHEIRO, M. (Org.) **A lei 11.645/08 nas artes e na educação: perspectivas indígenas e afro-brasileiras**. São Paulo: ECA-USP, 2020. p.178 – 185.

WILLIAM, Rodney. Apropriação Cultural. RIBEIRO, Djamila. **Coleção Feminismos Plurais**. São Paulo: Jandaira, 2020, p. 20



FONTES:
DIÁLOGOS/ORALIDADES,
DOCUMENTOS OFICIAIS E MAPAS



Fotografia 15: Banco Onça Mehinaku, de Eriná Mehinaku. Local: Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, PR. Autoria/Foto: Rafael Costa.
Fonte/Acervo: Eriná Mehinaku. Data: 23 jun. 2023.

DOCUMENTOS OFICIAIS

BRASIL. **Lei Nº 11.645, de 10 março de 2008.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm
Acessado em 10 mar. 2008.

_____. **Lei nº. 10.639, de 09 de janeiro de 2003,** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm Acesso em 09 jan. 2003.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei%209394.pdf> Acesso em 20 dez. 1996

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988.** Brasília: Senado Federal do Brasil, 1988. Disponível em: e
https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf Acessado em 10 jan. 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Censo 2010.** Rio de Janeiro, IBGE, 2010.

PMSP, Prefeitura Municipal de São Paulo. **Dados Demográficos dos Distritos Pertencentes às Subprefeituras.** São Paulo: PMSP, 02/10/2022. Disponível em:
https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758. Acesso em 02 out. 2022.

SÃO PAULO, Secretaria Municipal de Educação (SME) - Coordenadoria Pedagógica (COPEP). **Currículo da Cidade - Povos Indígenas: Orientações Pedagógicas**. São Paulo: SME / COPEP, 2019. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/53254.pdf> . Acesso em 2019.

SÃO PAULO, Secretaria Municipal de Educação (SME) - Coordenadoria dos Centros Educacionais Unificados (COCEU). Jogo da onça. In: **Coleção Jogos de Tabuleiro, v. 2** São Paulo: SME / COCEU, 2020.

JORNAIS

DCM, Diário do Centro do Mundo. Professores estão sendo intimidados pela prefeitura de Doria para não falar da merenda. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/professores-estao-sendo-intimidados-pela-prefeitura-de-doria-para-nao-falar-da-merenda-por-donato/> Acesso em 23 ago. 2017

G1, Globo. Protesto de professores municipais tem tumulto em frente à Câmara de SP. In: **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/protesto-de-professores-municipais-tem-tumulto-em-frente-a-camara-de-sp.ghtml> Acesso em 14 mar. 2018

MAPAS

EARTH, Google. **Localização de São Miguel Paulista/SP e região**. Disponível em: <https://earth.google.com/web/@-23.49226709,-46.43318225,733.50953404a,5256.04539568d,35y,17.21949354h,0t,0r/data=CkUaQxl9CiUweDk0Y2U2MTY0OTFiNTAzMjk6MHhiZjllYTA0MTI0ODMyMGJhKhRTw4NPIE1JR1VFtApQQVVMSVNUQRgCIAE>. Acesso em 26 jul. 2023.